

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

LEONARDO NUNES EVANGELISTA

A CIDADE DA FUMAÇA: a constituição do grupo operário do bairro do Pequiá
no município de Açailândia-MA

São Luís
2008

LEONARDO NUNES EVANGELISTA

A CIDADE DA FUMAÇA: a constituição do grupo operário do bairro do Pequiá
no município de Açailândia-MA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão – PPGCS/UFMA para obtenção do grau de mestre.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Domingos Sampaio
Carneiro

São Luís
2008

LEONARDO NUNES EVANGELISTA

A CIDADE DA FUMAÇA: a constituição do grupo operário do bairro do Pequiá
no município de Açailândia-MA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão – PPGCS/UFMA para obtenção do grau de mestre.

Aprovado em: ____/____/____

Prof. Orientador – Dr. Marcelo Domingos Sampaio Carneiro
Universidade Federal Maranhão - UFMA

Prof. Dr. José Ricardo Garcia Pereira Ramalho
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Prof. Dr. José Odval Alcântara Júnior
Universidade Federal Maranhão– UFMA

À minha mãe Maria do Carmo, pela graça
e amor.
Ao Flávio Pereira (in memoriam)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer em primeiro lugar a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Capes pela ajuda financeira, pois sem esses recursos seria impossível a realização deste trabalho.

Agradeço ao programa de pós-graduação em ciências sociais pelo apoio material e informacional, dando-me sustentação para a construção e finalização da dissertação.

Ao Programa de Cooperação Acadêmica (PROCAD), parceria entre a Universidade Federal do Maranhão - UFMA e Universidade Federal do Rio de Janeiro- UFRJ, que possibilitou a interação entre dois locais de produção de saberes facilitando e, acima de tudo, contribuíram de forma significativa para o exercício da produção de conhecimento, mostrando que é possível, apesar da distância física, a cooperação disciplinar para a qualificação de profissionais competentes no ofício científico.

Ao professor Doutor Marcelo Domingos Sampaio Carneiro pelo apoio e orientação acadêmico-pedagógico no trabalho processual de construção da minha dissertação, mostrando os frutos da sociologia enquanto uma ciência definida que tem muito a contribuir para a formulação de interpretações da realidade social. Obrigado também pela contribuição reflexiva, sendo o principal responsável em me manter firme nos momentos mais difíceis. Ao professor Marcelo meus mais profundos agradecimentos, fazendo com que eu acredite na sociologia como propulsora de individualidades comprometidas com a produção de conhecimento.

Aos coordenadores do mestrado em Ciências Sociais: professora Dr. Elisabeth Coelho (primeiro ano de curso -2006) e ao professor Dr. Horácio Antunes (segundo ano de curso - 2007), pelo estímulo dado para continuidade da minha trajetória acadêmica. Tenho por esses professores um senso de gratidão por tudo que fazem pelas ciências sociais no Maranhão e pela referência de vida.

Ao professor Dr. Benedito Filho pela contribuição metodológica, dando-me alicerce às minhas reflexões a cerca do objeto estudado. Devo ressaltar a pessoa do professor Dr. Benedito que serviu de inspiração para a postura policiada perante os obstáculos enfrentados na construção do trabalho.

Aos colegas e amigos do grupo de pesquisa sobre o trabalho, dentre eles: Rafael, Karlene, Karla, Diêgo, Marcos Vinícius, Luis Carlos, Lourdes e Andréa, entre

tantos outros representados pelos citados, que me acompanharam nessa jornada de compreensão da realidade social maranhense.

Aos meus amigos de vida e companheiros de profissão: Cosme Oliveira Moura Júnior, por toda contribuição dada para a finalização do meu trabalho e, Rodolpho Rodrigues de Sá (aluno do mestrado em Antropologia Social – UFRN), pelas trocas de informações, pensamentos e descontrações que me deram forças para continuar o exercício sociológico.

Ao professor Dr. Igor Grill pelas críticas valiosas feitas ao meu trabalho, principalmente por me ajudar a definir com clareza a diferença entre rigor e rigidez.

Ao professor Dr. José Alcântara pelas “dicas” e informações preciosas de como conduzir as minhas reflexões.

Aos professores do corpo docente do Mestrado em Ciências Sociais-UFMA/MA, por todo apoio moral e intelectual, principalmente destaco: Prof(a)s Dr. Ednalva Neves, Dr. Carlos Benedito, Dr. Álvaro Pires, Dr. Alexandre Corrêa, Sérgio Ferretti e Dr. Sandra.

Aos colegas da 3ª turma de Mestrado em Ciências Sociais - UFMA, por compartilhar a trajetória acadêmica na alegria e nas dificuldades.

Aos amigos que fiz durante minha participação no PROCAD, Rodrigo Santos e Raphael Lima, que forneceram excelentes contribuições para o desenvolvimento da minha dissertação.

Ao professor Doutor José Ricardo Ramalho pela crença nos meus esforços para construção desse trabalho e pela influência teórica importante na reflexão sobre o problema estudado. Com o professor José Ricardo, tenho muito a aprender sobre “o fazer” sociologia.

Ao professor Luís Antônio Machado, pelas informações importantes em como proceder de forma reflexiva a cerca de uma realidade tão complexa.

Aos membros da minha família Maria Lúcia Brandão e Sônia Evangelista pelo auxílio afetivo que me manteve firme e estável emocionalmente nas dificuldades enfrentadas ao longo da realização do mestrado.

À minha avó Maria Lisete, que mesmo em estado de enfermidade, soube manifestar carinho e afeto, fazendo-me ter forças para concluir a dissertação.

À minha noiva Juliana pelo companheirismo e afeto. Tenho profundos agradecimentos à Juliana por tudo que compartilhamos nessa jornada de vida.

Ao grande amigo Laert Moraes por ter me auxiliado na transcrição sistemática das minhas entrevistas.

Aos combonianos residentes no Pequiá: Ir. Agostinho, Ir. Antônio e o Padre Cláudio que me deram apoio e sustentação na minha estadia no bairro durante a etapa de pesquisa.

Aos companheiros José Albino, Chico Corredor, Celso e Aparício, pelo auxílio à minha inserção na realidade dos operários.

Por fim agradeço a todos que de uma forma ou de outra contribuíram para a conclusão desse trabalho.

*“(...)O homem está na cidade
como uma coisa está em outra
e a cidade está no homem
que está em outra cidade
mas variados são os modos
como uma coisa
está em outra coisa:
o homem, por exemplo, não está na cidade
como uma árvore está
em qualquer outra
nem como uma árvore
está em qualquer uma de suas folhas
(mesmo rolando longe dela)(...)”
(GULLAR, trecho do poema sujo, 1975)*

RESUMO

O estudo analisa a constituição do grupo de trabalhadores metalúrgicos no bairro do Pequiá no município de Açailândia-MA, a partir da visualização das práticas sociais cotidianas que contribuem para a formação de uma rede de relações sociais que sustentam a identidade desses trabalhadores. Discuto como as diferentes posições assumidas por esses operários, na divisão interna do trabalho metalúrgico, condiciona a construção das categorias de pensamento pelas quais eles representam sua realidade. Demonstro que os elementos identitários que constituem esse grupo social são fortemente influenciados pela trajetória desses trabalhadores, cuja experiência camponesa anterior a chegada em Açailândia funciona como um elemento importante. Faço análise dos principais elementos que fundamentam a organização social, orientada por práticas sociais solidificadas dentro e fora do universo fabril.

Palavras-Chave: Grupo operário, Trabalho metalúrgico, Identidade, Espaço social.

ABSTRACT

The study analyzes the constitution of the workers group of metallurgical in the Pequiá neighborhood, in the city of Açailândia-MA, from the view of the quotidian social practices that contribute to the formation of a network of social relations that sustain the identity of these workers. Discuss how the different positions assumed by these workers on the internal division of the metallurgical work, condition the constructions of the categorical thoughts which for them represent their reality. Prove that the elements that identify that constitute this social group are strongly influenced by the trajectory of these workers, which campesino experience previous to arrive in Açailândia works like an important element. Make analysis of the principal elements that base the social organization, directed by social practices solidified inside and outside of the fabric universe.

Key words: Worker group, Metallurgical work, Identity, Social space.

LISTA DE SIGLAS

ASICA -	Associação das Siderúrgicas de Carajás
CAGED-	Cadastro Geral de Emprego e Desemprego
CDVDH -	Centro de Defesa da Vida e dos Direitos Humanos
COVAP -	Companhia Vale do Pindaré LTDA
CVRD -	Companhia Vale do Rio Doce
EFC -	Estrada de Ferro Carajás
EKOS -	Instituto para Equidade e Justiça
FERGUMAR -	Ferro Gusa do Maranhão
FINAM -	Fundo de Investimentos da Amazônia
FINOR -	Fundo de Investimentos do Nordeste
GERUR -	Grupo de Estudos Rurais e Urbanos
IBGE -	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INSS -	Instituto Nacional de Seguro Nacional
PC do B -	Partido Comunista do Brasil
PGC -	Programa Grande Carajás
PPGCS -	Programa de Pós- Graduação em Ciências Sociais
PPGSA -	Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia
PROCAD -	Programa de Cooperação Acadêmica
SIMASA -	Siderúrgica do Maranhão
STMAI – MA -	Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos de Açailândia e Imperatriz-Ma
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1:	Evolução da produção de ferro-gusa feita por usinas independentes localizadas na Região de Carajás (1990/2006).....	51
Gráfico 2:	Origem do chefe de família.	81
Gráfico 3:	Município de origem do chefe de família.....	81
Gráfico 4:	Em sua opinião, qual é o maior problema do Pequiá?.....	97
Gráfico 5:	Em sua opinião, o que seria urgente fazer para melhorar as condições de vida do povo do Pequiá?	98

LISTA DE QUADROS

Quadro 1:	Lista das pessoas entrevistadas	42
Quadro 2:	Perfil das indústrias siderúrgicas instaladas em Açailândia/MA.....	50
Quadro 3:	Etapas da produção e sua finalidade	56
Quadro 4:	Níveis hierárquicos.....	59
Quadro 5:	Distribuição do emprego formal por setor de atividade no município de Açailândia (em 31.12.2006)	69

LISTA DE FIGURAS

Figura 1:	Esquema de produção do ferro-gusa ao aço	54
Figura 2:	Processo de fundição do minério.	56
Figura 3:	Maquete do Pequiá	85

LISTA DE FOTOS

Foto 1:	Pelotas de ferro gusa estocadas no pátio de uma siderúrgica.....	54
Foto 2:	Bairro Pequiá de Cima.	86
Foto 3:	Rua do Pequiá de cima: as torneadoras	87
Foto 4:	Pequiá de Baixo.	88
Foto 5:	Ilha do Côco Verde.....	102

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO 1: TEORIA E PROCESSO DE PESQUISA: O OFÍCIO DO SOCIÓLOGO	20
1.1 O debate sobre a constituição da classe social	20
1.2 De camponês a operário: migração e construção da identidade operária	27
1.3 A construção do objeto e a pesquisa de campo	29
1.4 O trabalho de campo	33
CAPÍTULO 2: A IMPLANTAÇÃO DO PÓLO SIDERÚRGICO EM AÇAILÂNDIA	44
2.1 A construção da Belém-Brasília e o surgimento de Açailândia	45
2.2 O Programa Grande Carajás: um novo momento na história de Açailândia	47
2.3 A chegada das indústrias de ferro-gusa	49
CAPÍTULO 3: A PRODUÇÃO DE FERRO-GUSA E O PROCESSO DE TRABALHO NAS USINAS GUSEIRAS	53
3.1 A produção do ferro-gusa	53
3.2. O Processo de Trabalho na indústria de ferro-gusa	57
3.2.1. A hierarquia do processo produtivo	59
3.2.2. A experiência como fator de diferenciação interna.....	61
3.3 A jornada de trabalho.....	64
3.4 O mercado de trabalho em Açailândia	68
3.5 Os trabalhadores e as siderúrgicas: o caso do sindicato	71
CAPÍTULO 4: MORANDO NO BAIRRO DO PEQUIÁ: OS OPERÁRIOS FORA DO ESPAÇO FABRIL	78
4.1 A constituição do bairro do Pequiá	79
4.2. O Pequiá hoje	85
4.3 O Pequiá de cima	85
4.4 O Pequiá de baixo	88
4.5 De camponês a operário.....	90
4.6 Os operários no bairro do Pequiá.....	93

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
REFERÊNCIAS.....	107

INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo analisar a constituição de um grupo operário no bairro do Pequiá, município de Açailândia/MA, local onde estão instaladas cinco unidades fabris de produção de ferro-gusa.

Os trabalhadores estudados têm na sua origem rural um dos principais elementos em comum. A passagem relativamente rápida de uma vida estruturada segundo as regras de uma sociabilidade camponesa para outra, ordenada segundo uma lógica industrial, foi responsável por uma série de mudanças no cotidiano e na forma de entender o mundo desses atores e constitui um dos objetos centrais de nossa investigação.

A partir da revisão de literatura sobre o tema da constituição da identidade de classe (MARX, 2000; THOMPSON, 2002; HOBBSAWM, 1987) e de estudos anteriores sobre Açailândia (CARNEIRO, 1992) e sobre o bairro do Pequiá (CANCELA, 1992) construí o arcabouço teórico que serve de base à análise proposta. Preparando-me para os principais dilemas que o objeto em destaque poderia me proporcionar, iniciei minhas investigações sociológicas, adentrando ao complexo mundo dos operários, com o intuito de superar os obstáculos epistemológicos (BACHELARD, 2002) que produzem falsa percepção da realidade estudada.

Com base nesse recorte empírico e teórico realizei entrevistas com os trabalhadores das empresas guseiras que residem no bairro do Pequiá, procurando reconstruir as trajetórias sociais seguidas e tentando identificar as estratégias empreendidas pelos operários conseguirem o emprego e se manterem dentro do processo produtivo.

Além das entrevistas, procurei em diversas oportunidades acompanhar o dia a dia desses trabalhadores, de forma a tentar compreender esse complexo “universo” operário que marca e caracteriza o Pequiá, pois, apesar de verificar que apenas uma parte dos moradores trabalha como metalúrgicos, é possível perceber a influência direta das siderúrgicas no conjunto da vida social do bairro.

Tendo como base a idéia de *“representar o processo de pesquisa no resultado de pesquisa”* (PEIRANO, 1997, p. 8), dividi a minha dissertação em quatro capítulos, com finalidades específicas, porém interligados, a fim de possibilitar uma abordagem sistemática do tema.

No primeiro capítulo, apresentamos a discussão teórica que norteou nossa investigação e os procedimentos utilizados na pesquisa de campo, preparando o leitor para os capítulos seguintes do nosso trabalho.

O segundo capítulo tem o objetivo de apresentar o estado da arte do conhecimento sobre o processo de constituição e desenvolvimento recente do município de Açailândia e, conseqüentemente, do bairro do Pequiá. Nele mostramos como uma cidade e um bairro formados a partir do deslocamento de camponeses se transformaram rapidamente, com o advento da Estrada de Ferro Carajás, em um importante pólo industrial da Amazônia Oriental.

No terceiro capítulo, abordo o processo de produção do ferro-gusa, destacando as principais características do processo de trabalho e suas implicações para os trabalhadores metalúrgicos. Nesse capítulo procuro também identificar como os metalúrgicos se constituem enquanto grupo social, tomando como referência a articulação desses trabalhadores no interior do universo fabril, a partir das suas formas de solidariedade e de resistência aos mecanismos gerenciais de controle da força de trabalho.

A base das suas estratégias de constituição enquanto grupo metalúrgico, articuladas com as trajetórias sociais, mostradas na organização do mercado de trabalho, no que tange a organização social dentro e fora do universo fabril. É importante lembrar que a dificuldade de adentrar às siderúrgicas por conta da forte pressão que exercem sobre os operários e os critérios que sustentam as práticas dentro e fora das firmas, fez com que eu visitasse apenas duas empresas: A Viena e Gusa Nordeste.

Portanto, assim como Lopes (1978) e os operários do açúcar, apreendi muito mais sobre as práticas sociais dentro das firmas a partir da visão dos trabalhadores entrevistados fora delas. Contudo, apesar do limite de acesso, os dias em que visitei essas firmas puderam me fornecer um cenário complexo do universo fabril com suas predisposições e estruturas internas.

O quarto capítulo é reservado ao estudo das práticas cotidianas dos operários no Bairro do Pequiá, perpassado pelo efeito coercitivo que as firmas exercem no próprio bairro. Nele procuro identificar as estratégias usadas pelos operários para se constituírem enquanto grupo em contraposição com outros moradores e como os mesmo vêem o bairro do Pequiá, partir da sua visão em

constante mudança. Faço uma reconstrução do processo pelo qual o bairro foi construído procurando destacar a importância das redes de vizinhança e parentesco para o estabelecimento dos seus moradores. Por fim, teço os comentários finais a respeito do problema estudado, fazendo uma análise a partir das questões levantadas ao longo do trabalho.

CAPÍTULO 1: TEORIA E PROCESSO DE PESQUISA: O OFÍCIO DO SOCIÓLOGO

Nesse capítulo apresento a abordagem teórica que norteou a construção do meu problema de investigação e discuto a realização do trabalho de campo, bem como os procedimentos de coleta de dados que utilizei na realização da pesquisa.

1.1 O debate sobre a constituição da classe social

O estudo sobre classes sociais tem na tradição marxista um de seus esteios fundamentais, entretanto, os trabalhos iniciais de Marx e Engels sobre o tema deram pouca importância ao processo de constituição desse grupo, tratando-o como um produto das relações capitalistas de produção, enfocando apenas suas estratégias de resistência no interior do universo fabril.

Dando continuidade as teorias da economia política clássica, Marx (2000) analisou a sociedade capitalista como dividida em três classes distintas, caracterizadas de acordo com sua posição no processo produtivo: a classe burguesa possuidora dos meios de produção (também designados como capital); os proprietários fundiários (que viviam da extração da renda da terra) e a classe operária, constituída por aqueles que contavam para sobreviver apenas com sua força de trabalho.

Além dessa construção de uma sociedade dividida em classes sociais, Marx assinalou o conflito de classes (ou a luta de classes) como um componente central da dinâmica dessa sociedade. Nesse sentido, os trabalhadores colocados em situação de exploração dentro do processo produtivo entram em conflito com os donos do meio de produção, movimento este central para a construção de sua identidade.

Essa noção de classe constituída na mobilização contra os capitalistas aparece claro num livro como “A Miséria da Filosofia”:

As condições econômicas transformaram pela primeira vez a massa de gente do campo em operários. A dominação do capital criou para essa massa uma situação comum e interesses comuns. Essa massa é assim já uma classe em relação ao capital, mas ainda não por si mesma. Na luta (...) essa massa torna-se unida e se constitui como classe por si mesma. Os interesses que ela defende tornam-se interesses de classe (MARX, 1979 *apud* MILIBAND, 1979, p.26).

Marx ainda nos diz que a classe operária é a única que de fato produz, pois a sua força de trabalho é geradora de excedentes, que extraídos sob a forma de mais-valia, através da exploração econômica, determinava a posição dos operários na escala mais baixa da hierarquia de produção. Os mesmos se constituíam enquanto classe por essa posição em comum na escala social.

O debate posterior no marxismo sobre a questão da constituição da classe operária teve um grande impulso a partir dos estudos realizados por alguns historiadores britânicos, caso de Hobsbawm (1987) e Thompson (2002).

Ambos realizaram estudos sobre a história da classe operária a partir do processo de desenvolvimento industrial da Inglaterra, divergindo quanto ao momento de constituição dessa classe. Porém, as divergências entre os autores não se davam apenas pela cronologia do estabelecimento de uma classe, mas, sobre quais os critérios a serem utilizados para considerarmos uma classe social como constituída.

Os argumentos de Hobsbawm (1987) estão inseridos não apenas no contexto da Inglaterra industrial do Século XIX, mas também por uma concepção de “classe” diferenciada entre ambos. Hobsbawm utiliza como referência para sua noção de classe o argumento marxiano retomado por Lukács no livro intitulado “História e Consciência de Classe” de que classe e consciência de classe são eventos indissociáveis.

Para os propósitos do historiador, isto é, do estudioso da micro-história, ou da história como ela aconteceu (e, no presente, como ela acontece) - em oposição aos modelos gerais e bem mais abstratos das transformações históricas da sociedade - a classe e o problema da consciência de classe são inseparáveis. Uma classe, em sua acepção plena, só vem a existir no momento histórico em que as classes começam a adquirir consciência de si próprias como tal (op. cit., p.36).

Para esse autor, a concepção de classe é definida a partir de duas dimensões: a) grupos de cooperação mútua, classificados e agrupados de acordo com as “relações similares” existentes dentro do meio de produção, e b) pelo critério subjetivo, para o autor relacionado diretamente a consciência de classe.

Já a consciência de classe define-se, como citado anteriormente, pela distinção estabelecida pelo marxismo clássico entre classe-em-si e classe-para-si. Por conseguinte, para Hobsbawm, a consciência de classe efetiva corresponde “as idéias reais que todos constroem sobre classes”, enquanto a consciência de classe

atribuída identifica “as idéias, sentimentos que homens em uma dada situação de vida teriam, se eles pudessem compreender inteiramente essa situação e os interesses dela derivados, tanto com respeito à ação imediata quanto a estrutura da sociedade que corresponderia a esses interesses”(op. cit., p.36).

Ao aceitar a distinção entre consciência de classe efetiva e consciência de classe atribuída Hobsbawm enfatiza a importância de elementos organizativos no processo de constituição da classe trabalhadora, argumentando que:

A consciência de classe operária em ambos os níveis implica a organização formal; e uma organização que seja ela mesma portadora de ideologia de classe, que sem ela seria pouco mais que um complexo de hábitos e práticas informais. A organização (o “sindicato”, “partido” ou “movimento”), torna-se assim uma extensão da personalidade do trabalhador individual (HOBBSAWM, 1987, p.48).

Já para Thompson (2008) classe social é um *“fenômeno histórico que unifica uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados, tanto na matéria-prima da experiência como na consciência”*. Continuando essa definição argumenta que uma classe constitui-se quando

(...) alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente lhe opõe) dos seus (THOMPSON, 2008, p.10).

O elemento central para a definição de uma classe social é o conceito de experiência. Portanto, é com base na experiência de trabalhar sob determinadas relações de produção, opondo-se a outros homens, que os operários constroem sua identidade de classe.

Rejeitando completamente a fórmula indústria + exploração = classe operária, Thompson dá ênfase tanto na trajetória cultural e política quanto nas transformações econômicas vividas pelos trabalhadores.

A abordagem de Thompson é crítica e dirigida contra a abordagem estruturalista althusseriana que define as classes como suportes de relações de produção. Na contramão dessa abordagem Thompson vê a classe:

(...) não como sujeitos autônomos, indivíduos livres, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida tratam essa experiência em sua consciência e sua cultura... das mais complexas maneiras... em seguida agem, por sua vez, sobre sua situação determinada (THOMPSON, 2008, p.182).

Assim, Thompson em seus estudos sobre a formação da classe operária inglesa, mostrou que a classe social possui uma “relação histórica” formada através das experiências construídas, trabalhadas e reproduzidas de tradições, sistemas de valores e formas institucionais, convergindo com Hobsbawm na sua relevância histórica. Para o autor, estudar a formação de uma classe determinada é saber *“como o indivíduo veio a ocupar esse papel social e como a organização social (..) ai chegou”* (THOMPSON, 2002, p.11).

Este autor ainda destaca que, a classe não é uma categoria social construída através de uma soma de indivíduos, mas resultante de diferentes contextos de relações sociais que criam uma superestrutura cultural capaz de alavancar um sistema de signos que são utilizados como ferramentas para a sobrevivência do grupo nas mais diversas situações de coerção.

A proposta metodológica de Thompson coaduna-se com o que hoje denominamos de abordagens construtivistas na sociologia (CORCUFF, 2002). Segundo essa perspectiva, que é trabalhada por Bourdieu (1996, p.26-27), *“as classes sociais não existem o que existe é um espaço social, um espaço de diferenças, no qual as classes existem de algum modo em estado virtual, pontilhadas, não como um dado, mas como algo que se trata de fazer”*.

Utilizando-se de Thompson, Bourdieu afirma:

É preciso construir o espaço social como estrutura de posições diferenciadas, definidas, em cada caso, pelo lugar que ocupam na distribuição de um tipo específico de capital. (Nessa lógica, as classes sociais são apenas classes lógicas, determinadas, em teoria e. se pode dizer assim, no papel, pela delimitação de um conjunto – relativamente – homogêneo de agentes que ocupam posição idêntica no espaço social; elas não podem se tornar classes mobilizadas e atuantes, no sentido da tradição marxista, a não ser por meio de um trabalho propriamente político de construção, de fabricação – no sentido de E.P. Thompson fala em *The making of the English working class* - cujo êxito pode ser favorecido, mas não determinado, pela pertinência à mesma classe sócio-lógica.) (BOURDIEU, 1996, p. 29).

O autor defende a existência de um espaço social, um campo nos quais os demais atores lutam entre si de acordo com sua posição e disposição dentro do campo, podendo originar ações políticas construídas através dos processos de diferenciação e reprodução dos dispositivos que dão sustentação a estrutura social.

O que determina a posição do ator no campo social? Quais os princípios de diferenciação que determinam essa posição no espaço social? Para Bourdieu, a posse dos mais variados tipos de capitais, econômicos, culturais e políticos, determinam suas aproximações e distâncias devido à similaridade na quantidade e espécie de capitais que os agentes detiverem como seu distanciamento devido à ausência de um volume desses capitais. Nesses termos, o acúmulo de capitais diferencia a ocupação dos agentes dentro do espaço, gerando internalizações dessas disposições (*habitus*).

Distanciando-me do elemento homogêneo e estático, que possibilita apenas uma visão limitada do problema, seja pelo processo produtivo (MARX, 2000), optei por observar a heterogeneidade (LOPES, 1978), pois as demais forças coercitivas que exercem pressão sobre a vida dos operários, fazem com que os mesmos utilizem as mais variadas estratégias de resistência, como formação de sindicatos, redes de vizinhança, cooperativas e alternativas de amenizar a dura jornada de trabalho e, sobretudo a busca de auxílios extras que contribuem para a estabilidade econômica familiar ou suas estratégias de vida no cotidiano extra fábrica.

A reinterpretarão de categorias e práticas impostas se desdobra assim na inversão de categorias e práticas, que, de impostas, transformam-se em espontâneas, categorias e práticas espontâneas contra a exploração (LOPES, 1978,p.9).

Em nossa abordagem sobre a formação do grupo operário do Pequiá a noção de experiência trabalhada por Thompson será central para a compreensão do processo de formação desse grupo. Será a experiência de um passado comum e de uma vida em comum, dentro e fora da fábrica, que nos permitirá falar dos trabalhadores metalúrgicos do Pequiá como pertencentes a um grupo com uma identidade própria. Nessa perspectiva, embora o processo de trabalho no interior da fábrica seja um fator relevante para análise, não será visto como o único ou principal eixo do olhar sociológico sobre o problema estudado (SAVAGE, 2004).

Desvendando a complexa gama de fatores que alinhados dão “vida” ao meu objeto de estudo, constatei nas falas de meus entrevistados e nos dados levantados por outros autores (CANCELA, 1992; CARNEIRO, 1989) que estes operários têm na origem camponesa um elemento comum de identificação, o que se reflete em várias categorias de entendimento provenientes dessa condição anterior ao trabalho metalúrgico.

Essa situação anterior de camponês pode ser compreendida também como uma situação-limite (LOPES, 1985), ou seja, o limiar entre camponês e operário, que me levou a um dilema: como o operário-camponês articula essa herança cultural para sobreviver dentro do espaço industrial?

Seiferth (1985) em um artigo sobre os colonos operários do Vale do Itajaí demonstrou como a identidade camponesa foi importante para a manutenção dos trabalhadores na dura jornada de trabalho. Para autora, os colonos operários invertem o elemento acessório em atividades extra-fabris, configurando a jornada de trabalho ao modo temporal camponês. Situação sinônima percebida por mim ao perguntar para os operários sobre a jornada intensa de trabalho na indústria, como pode ser visto no depoimento a seguir:

Nós gostamos é de trabalhar, quem vem da roça tá acostumado com a lida, com a vida dura do trabalho, queremos é trabalhar. Pode colocar levas de gusa que carregamos (SEU TOINHO, forneiro, encostado da Siderúrgica Vale do Pindaré).

O discurso acima exemplifica a preocupação em dialogar com os dois conjuntos de disposições característicos dos trabalhadores no Bairro do Pequiá: o camponês e o operário, a fim de conseguir observar a composição do grupo. No entanto, o operário, possui traços de identificação construídos dentro do espaço heterogêneo. Percebendo que a organização do grupo atravessa a lógica dos processos de identificação, faz-se necessário destacar a noção de identidade.

A imagem desses trabalhadores sobre o bairro do Pequiá como um espaço em que o emprego é abundante e, por conseguinte, condição para uma melhor qualidade de vida, é peça importante para entender como os vários atores sociais foram chegando ao distrito industrial com a mesma perspectiva dos primeiros: a obtenção do emprego fabril.

1.2 De camponês a operário: migração e construção da identidade operária

A compreensão dos dispositivos que levaram os camponeses oriundos de vários municípios do Estado do Maranhão e de outras localidades a se deslocarem para o Pequiá permitiu compreender a própria forma de construção dos laços de identificação, as relações dentro do chão de fábrica, assim como a disposição espacial dos atores, conseqüência direta da trajetória social e da migração.

A história do processo de migração e incorporação desses atores sociais à nova lógica construída graças à implantação do pólo siderúrgico é vinculada a processos em que trabalhadores migrantes, individual e coletivamente, se estabelecem em um novo local e pelas formas em que as *redes de trabalho* (MARTINS, 1973) e os signos do local de origem são adaptados ao novo espaço social.

Por essa razão, o meu intuito de apresentar os efeitos da migração (elementos camponeses observados nos seus discursos e nas suas falas), dos elementos da experiência anterior ao deslocamento que contribuíram para a constituição social dos operários. A migração é o elo de ancoragem entre a tradição camponesa, os traços culturais sobreviventes que se aglutinam junto aos elementos da cultura operária adquirida, em contato com a realidade industrial. A migração não é o meu objeto de pesquisa, mas sim um fator relevante para perceber organização específica dos operários por mim observada no bairro do Pequiá.

Quais disposições esse efeito migratório trouxe para vida social desses agentes que migram para Açailândia, considerada uma espécie de novo “Eldorado”, contribuindo para a constituição de uma organização social de trabalhadores metalúrgicos de origem camponesa? A partir da influência das relações de produção fabril, a organização operária em constante transformação, foi arquitetada solapando toda uma lógica camponesa já estabilizada no núcleo industrial do Pequiá, construindo novas formas de perceber o social, dentro de um espaço misto de elementos industriais e camponeses.

Nesse sentido, entendo o migrante, atual operário: o agente relacionado a um processo social dinâmico que transitou entre espaços sociais distintos. Porém, migração não pode ser encarada a partir do ponto de saída ou de chegada do migrante e sim do processo como um todo.

Mais que uma "assimilação" desses trabalhadores (ex-camponeses) pela lógica industrial, o que se tende a colocar em evidência agora é a construção das relações de sociabilidade e adaptabilidade dessas minorias, suas estratégias de interação social e cultural, assim como sua capacidade de iniciar e sustentar processos de mudança. Em vez de assimilação das partes pelo total, hoje há uma ênfase no processo mais "completo" de interação social (MARTINS, 1988).

Contudo, no processo migratório, sua construção histórica está vinculada a uma concepção de (re) significação, ou seja, a herança cultural e social construída historicamente. Para os operários estudados, o elo cultural com seu espaço de origem constitui um elemento importante na tessitura de sua identidade.

A migração aparece como principal elemento formador dessa heterogeneidade, visto que a origem camponesa, mas de locais emissores, distintos, municípios diferentes, faz com que os operários se identifiquem pela necessidade de sobrevivência e pela estabilidade de emprego, que segundo os entrevistados, é a ponte para uma melhor qualidade de vida.

1.3 A construção do objeto e a pesquisa de campo

O processo de construção do objeto de estudo passou por diferentes etapas. Em um primeiro momento realizei levantamento dos trabalhos investigativos produzidos pela realidade estudada, pautada nos estudos feitos por Carneiro (1995; 1989), Cancela (1992), Monteiro (1998) e Castro (1998).

Além do contato com essa bibliografia, consegui, graças ao contato com missionários Combonianos, grupo da Igreja Católica que realiza trabalho de mobilização comunitária no Pequiá, os dados da pesquisa "Repensando e Reconstruindo o Pequiá", realizada em 2003 e que continha informações importantes sobre o perfil dos moradores desse bairro.

Essa pesquisa foi realizada pelo Instituto para a Equidade e a Justiça – EKOS com o objetivo de suprir deficiências de informação quanto à realidade do Pequiá:

As tentativas de planejar intervenções no social por parte dos setores mais organizados esbarravam, irremediavelmente, na ausência de dados confiáveis e, conseqüentemente, na impossibilidade de definir estratégias e prioridades capazes de enfrentar os gigantescos desafios de toda ordem que se apresentavam. (INSTITUTO EKOS, 2006, p. 2).

Nosso objetivo inicial era o de construir um perfil dos trabalhadores metalúrgicos que residem no Pequiá através desses dados quantitativos, tarefa que não foi possível, pois, não tivemos acesso ao banco de dados da pesquisa, mas, somente as tabulações realizadas pelo Instituto Ekos. Contudo foi de fundamental importância porque informações qualitativas dos entrevistados foram utilizadas e cruzados com dados quantitativos dos moradores a partir da análise dos dados do Instituto.

O levantamento baseou-se num questionário amplo, constituído de perguntas fechadas e abertas, com duas partes distintas. A primeira visando a identificação sócio-econômica dos entrevistados (renda, faixa de idade, sexo, etc.) e a segunda voltada para a obtenção da visão dos entrevistados acerca dos principais problemas do bairro. Os questionários foram aplicados aos chefes de família.

O questionário foi aplicado no conjunto dos domicílios do Pequiá, apresentando características de um recenseamento. Nos 1.736 domicílios identificados foram aplicados 1.712 questionários.

Embora os dados levantados pelo Instituto tenham no seu alicerce o rigor científico, constituindo uma ferramenta relevante para o trabalho acadêmico, estes apenas enfatizam a visão sociológica já construída, visto que *esse tipo de trabalho não apresenta somente um interesse metodológico ou instrumental: pode também constituir uma contribuição diretamente sociológica para a análise das estatísticas como “fato social” (grifo do autor)(...) o que permite não só uma elucidação mais precisa das mesmas, mas pode também desembocar em informações específicas e novas que apresentem um interesse peculiar.*(MERLLIÉ, 1998, p.107).

A perspectiva nos mostra a construção social dos dados enquanto discurso como os interesses por trás dos resultados. “Os dados não falam por si só”, frase taxativa entre pesquisadores sociais, mas que reativa o teor social dos *surveys* e pesquisas quantitativas por amostragem, que delineiam posições discursivas dos mais variados atores, porém fortes ferramentas que podem ser utilizadas para uma possibilidade de apreensão da realidade distinta.

O trabalho de campo realizado e as entrevistas que podem ser definidas “como um processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do entrevistado.” (HAGUETTE, 2005, p.86). Construídos e organizados através de um

roteiro de entrevista obtido a partir do primeiro contato com a realidade, por sua vez, resultando em informações preciosas através da interação entre o pesquisador e o pesquisado, revelando aspectos subjetivos que contribuem para a construção do resultado final da pesquisa. O trabalho de campo será apresentado, não em forma de diário, mas conseqüência da pesquisa, que possibilitou a obtenção de resultados significativos.

1.4 O trabalho de campo

Nessa seção descrevo a realização do trabalho de campo no bairro do Pequiá, local em que se situam as cinco siderúrgicas do município de Açailândia e onde reside boa parte dos operários que trabalham nessas indústrias. Essa coleta de informações consistiu em três períodos de observação e realização de entrevistas¹, num total de 62 dias de trabalho de campo.

A primeira etapa de investigação ocorreu de 10 a 13 de janeiro de 2007, por ocasião da visita do grupo de pesquisa do Projeto PROCAD UFMA-UFRJ², à cidade de Açailândia na qual tivemos contato com representantes de instituições governamentais e da sociedade civil do município. Nessa visita tive meu primeiro contato com a realidade do bairro do Pequiá, observei o cotidiano das pessoas que residem nas proximidades das siderúrgicas.

Este primeiro momento foi fundamental para minha inserção no espaço que pretendia estudar, pois obtive acesso às informações sobre o município, a partir de entrevistas com representantes do governo municipal, caso do Secretário de Agricultura e Meio Ambiente e do Secretário de Indústria e Comércio e dos movimentos sociais de Açailândia (Centro de Defesa da Vida e dos Direitos Humanos, Sindicato dos Metalúrgicos).

¹ Alguns dos meus informantes receberam nomes fictícios por questões éticas e a permanência da integridade dos mesmos. É de fundamental importância destacar a violência simbólica exercida pelas siderúrgicas em relação a esses trabalhadores, que de forma precária, disciplinam seus corpos para o exercício de um trabalho árduo. Destarte, a dinâmica industrial das siderúrgicas produz conseqüências profundas na vida social dos moradores do bairro do Pequiá.

² O Projeto PROCAD UFMA/UFRJ "Amazônia e os paradigmas do desenvolvimento" possui um grupo de pesquisadores que analisa o processo de industrialização recente da Amazônia Oriental, tendo como foco a implantação da indústria siderúrgica em Açailândia/MA e Marabá/PA. Participam desse grupo os professores: José Ricardo Ramalho (UFRJ) e Marcelo Sampaio Carneiro (UFMA) e os estudantes Rodrigo Salles dos Santos (PPGSA/UFRJ), Raphael Lima (PPGSA/UFRJ) e Leonardo Evangelista (PPGCS/UFMA).

O segundo momento de trabalho de campo corresponde ao período de 13 a 28 de fevereiro de 2007. Nesse momento consegui estabelecer contatos com o grupo dos principais informantes, construindo as redes de relações que possibilitariam a minha compreensão da gramática social local³.

Para realizar esse trabalho de campo estabeleci, através da intermediação de meu orientador, contato com religiosos da ordem Comboniana da Igreja Católica que realizam atividades de apoio à mobilização popular no bairro do Pequiá.

Durante toda essa etapa de trabalho fiquei alojado na residência dos padres Combonianos, coordenada pelos irmãos Antônio e Agostinho. Além da hospedagem e alimentação demandei auxílio aos Combonianos para a inserção na vida do bairro, através da indicação de pessoas com as quais eu pudesse conversar e ter acesso a trabalhadores das siderúrgicas.

Por está alojado na casa dos Combonianos os moradores me receberam com certa cordialidade, pois me viam como um representante da igreja. Essa associação com a igreja católica do bairro transformou-se no elemento facilitador nas entrevistas com os operários, mas, depois, percebi que veio a se transformar em obstáculo no diálogo com outros operários que não simpatizavam com a posição da igreja católica.

Como parte dessa relação mediada pelos irmãos Combonianos entrei em contato com um dos principais informantes da minha pesquisa: Zé Albino.

Zé Albino é natural do município de Miranda do Norte/MA e se instalou no Bairro do Pequiá por volta de 1985, quando foi admitido como empregado, na empresa de construção civil Queiroz Galvão, que na época prestava serviço de manutenção da ferrovia. Zé (como é conhecido na comunidade) é leigo comboniano, hoje com 45 anos, casado e pai de dois filhos. Atualmente encontra-se “encostado”⁴ pela empresa Viena Siderúrgica. Pessoa carismática e organizador dos movimentos sociais locais ele foi o principal articulador de meus contatos entre os operários do

³ Denomino de gramática social o conjunto de representações através do qual o grupo estudado interpreta e descreve o mundo social.

⁴ Segundo seu Toinho, encostado é o trabalhador que tira licença por tempo determinado para o tratamento de doenças que impossibilitem o exercício do trabalho. O salário pago pelo empregador é suspenso e a pessoa fica recebendo um auxílio pago pelo INSS.

Bairro, pois conhece um bom número de trabalhadores metalúrgicos, fundamentalmente os que participam da igreja católica.

Como muitos desses operários, por falta de tempo, não conseguem ir à missa, Zé Albino me apresentou às suas esposas, que além de freqüentadoras da igreja, compõem o grupo mais presente nas tarefas e reuniões da comunidade de fiéis.

Essa relação com Zé Albino, que possui participação importante em mobilizações comunitárias pela melhoria das condições de vida no Pequiá, facilitou bastante minha aproximação com os informantes. Através dele tive acesso a muitas pessoas e pude ir dominando aos poucos as peculiaridades das relações sociais no bairro.

Essas duas características foram de grande relevância para minha entrada no campo, pois a ausência do domínio da linguagem e dos costumes locais foi o principal muro de concreto entre o pesquisador e os operários. Obstáculo esse que com o passar dos dias foi sendo superado, por meio da relação dialógica que fui estabelecendo com os entrevistados, que fizeram um grande esforço para me explicar a sua realidade social.

A primeira atividade que realizei em companhia de Zé Albino foi uma visita para conhecer o bairro do Pequiá. Essa e outras caminhadas que realizei posteriormente, observando o cotidiano do bairro reforçaram minha impressão sobre a importância das siderúrgicas na estruturação da vida local.

As pessoas caminham nas ruas trajadas com os uniformes das empresas e era difícil ver alguém do sexo masculino atravessando as ruas com sandálias ou outros calçados que não fossem botas de trabalho metalúrgico. Fato importante, pois quando comprei a minha para caminhar pelas ruas com maior proteção, os trabalhadores, diziam que ela era a “bota do patrão” por se tratar de um calçado mais refinado.

As habitações do Pequiá seguem um padrão bastante homogêneo, de forma semelhante à descrição de outros bairros operários na bibliografia especializada. As casas são feitas de alvenaria, geralmente pequenas, chamadas de “porta e janela”, com dois ou três quartos e quintal. No seu interior foi possível identificar diversos móveis e aparelhos eletrodomésticos, principalmente televisão e DVD.

Na maior parte das vezes essa aquisição de móveis e eletrodomésticos pelos moradores está relacionada com a inserção de algum membro da família no trabalho siderúrgico, o que além de garantir uma remuneração mensal fixa permite também à abertura de crediário, elemento que facilita a aquisição de bens de consumo não-duráveis, que exige maior volume de recursos. Portanto, trabalhar nas siderúrgicas possibilita um padrão de consumo diferenciado para os metalúrgicos do Pequiá frente a seus vizinhos, dando assim certo um maior poder de compra.

Nos quintais das casas percebi a existência de hortas, galinhas e outros animais que serviriam de alimentos aos moradores. As famílias eram geralmente constituídas de pai, mãe e os filhos. Não era perceptível a quantidade de pessoas idosas nessas residências. Muitos dos trabalhadores que entrevistei me falaram que seus pais e parentes teriam ficado nos seus locais de origem e que na maioria das vezes tinham pouco ou quase nenhum contato. Os idosos residentes no Pequiá são antigos lavradores, muitos dos quais não chegaram a trabalhar nas siderúrgicas mantendo sua atividade econômica ligado ao campo.

Um dos principais pontos de encontro de operários no bairro durante o momento de folga é a “mercearia do canto”, local em que os mesmos jogam sinuca, dominó, bebem aguardente e comentam sobre os dias de trabalho. Em suma, um lugar central na vida e nas relações sociais entre os operários.

Na mercearia as partidas tanto de sinuca quanto de dominó eram definidas pela ordem de chegada. Assim cada membro sabia sua vez, pois a ordem era de acordo com a chegada, porém a diferenciação etária era considerada nessa situação, com os mais novos buscando respeito e legitimação dentro de um espaço dominado pelos mais velhos⁵.

A minha presença nestes espaços de sociabilidade do Bairro fortaleceu a leitura de que nesses locais estendem-se as relações familiares, principalmente a autoridade paterna (no bar), e a autoridade feminina nas reuniões na Igreja.

A divisão dos operários em grupos distintos observada nos locais de socialização, a princípio me pareceu pautar-se apenas em laços de vizinhança, mas muito tempo depois, com a minha entrada nas siderúrgicas, pôde perceber que as

⁵ Várias vezes escutei o seguinte diálogo, de uma pessoa mais nova falando com outra mais velha: “você joga bem, me ensina”. Às vezes os jovens filhos de operários, com mais de 16 anos, poderiam ser aceitos pelo grupo para freqüentar estes “locais de adultos”.

relações de vizinhança ali eram de acordo com as relações de trabalho no chão de fábrica. Por exemplo, os designados “auxiliares de produção 1” jogavam com os mesmos moradores que exerciam essa função, e seguiam a mesma ordem de entrada na partida, a mesma ordem de entrada nos turnos.

Foi na “mercearia do canto” que tive contato, pela primeira vez, com um trabalhador metalúrgico em atividade: seu Fraga. Seu Fraga é uma pessoa calada e introvertida. Nesse primeiro contato me revelou poucos detalhes de sua vida antes da sua vinda ao Pequiá. Casado e pai de dois filhos, trabalha atualmente na Viena Siderúrgica.

O contato com o Sr. Fraga foi importante porque logo em seguida conheci sua esposa, Dona Creuza, o que me permitiu o acesso a outro ponto de vista sobre o Pequiá e o trabalho nas siderúrgicas: o ponto de vista das mulheres dos operários.

Como é ser esposa de um operário no Pequiá? Como encaravam a dura jornada de trabalho de seus maridos? Além de outra perspectiva sobre o trabalho operário o contato com as esposas – principalmente através da Igreja católica – facilitou meu acesso a muitos operários, uma vez que através delas pude saber o melhor momento (dia e hora) em que poderia entrevistá-los.

Entrevistei no mesmo dia outro operário o seu Vicente. Vicente possui 45 anos, é casado, pai de um casal de filhos e é operador da mesa de comando, função que controla o fluxo de minério dentro do forno, também chamado de “auxiliar de produção 2.”

No final do dia 13 de fevereiro consegui acesso a outro informante, Sr. Antonio, cuja condição atual caracteriza uma das situações mais comuns verificada entre os operários do Bairro do Pequiá.

Seu Toinho, como todos o chamam, possui 46 anos, tendo trabalhado na Viena Siderúrgica até o ano de 2003, momento em que foi afastado por problema de saúde e foi encostado pela empresa. Casado, pai de quatro filhos trabalhou na Viena como auxiliar de produção na descarga de carvão, atividade que exige muito esforço físico e que ocasionou sua doença. Através de seu Toinho consegui conhecer mais um grupo de seis operários e ouvi falar pela primeira vez sobre um protagonista [liderança sindical] dentro do bairro: seu Francisco, mais conhecido como Chico Corredor.

Membro fundador do sindicato de trabalhadores metalúrgicos de Açailândia e integrante do Partido Comunista do Brasil (PC do B), Chico Corredor só pode me receber para uma conversa no dia 16 de fevereiro de 2007. Apesar da dificuldade em acessá-lo foi através dele que consegui contato com trabalhadores e moradores do “Pequiá de Baixo”, parte do bairro que mais sofreu os efeitos da implantação do pólo siderúrgico.

No dia 14 de fevereiro através da ajuda de Zé Albino consegui agendar três entrevistas. Durante a realização das mesmas percebi que os operários tinham medo de expor suas vidas, que receavam que eu fizesse uma leitura pejorativa ou negativa de suas informações, ou ainda que tais informações caíssem nas mãos dos encarregados, vindo a ocasionar a perda de seus empregos.

Como mencionei anteriormente, a partir do contato com Chico Corredor, entrevistado no dia 16 de fevereiro, consegui realizar mais oito entrevistas e estabelecer contato com mais informantes do chamado “Pequiá de Baixo”. Um desses informantes foi Dona Dina, que, por sua vez, me apresentou um encarregado⁶, já aposentado, da Viena siderúrgica, o senhor Melqui Fonseca.

À medida que as redes de relações iam crescendo eu começava a decifrar a gramática local e a representação espacial do lugar assim como os cargos e funções dos trabalhadores das indústrias. Comecei também a compreender a linguagem dos operários e esta aproximação embora não tenha me possibilitado absorver por inteiro as simbologias que permeiam as relações cotidianas daqueles operários, permitiu-me configurar parte do significado do que é ser operário para aqueles atores.

Esse processo de “desvendar” as simbologias operárias contou com a participação de todos os membros das famílias, uma vez que além das esposas entrevistamos também alguns filhos dos operários. Com esses jovens pude observar que a forma de ver e a representação da família reproduziam o mesmo discurso dos pais.

Para os garotos, os pais deveriam trabalhar, as mães cuidariam da casa e os filhos estudarem. O discurso de hierarquização familiar é perceptível em seu dorso estrutural. As mulheres que entrevistei me diziam que os maridos não permitiam que elas trabalhassem porque a função da mulher é cuidar das casas e

⁶Segundo o seu Toinho, encarregado é o trabalhador que é responsável pela fiscalização do trabalho. Há vários tipos: encarregado de turno, de forno, de ligote, etc.

dos filhos. O mercado de trabalho nas indústrias e nas empresas associadas é de cunho eminentemente masculino.

Buscando mais informações sobre as relações entre os moradores, busquei me inserir na realidade dos idosos, isto é, dos moradores mais antigos que moravam no Pequiá, mas que nunca trabalharam em nenhuma “firma” - nomenclatura utilizada pelos moradores para denominarem as siderúrgicas.

Casais como dona Nenezinha e seu marido, como dona Neuzinha e seu Pedro, residentes no Pequiá de Baixo ofereceram-me informações preciosas sobre a vida no Pequiá antes da chegada das indústrias. O interessante é que mesmo não tendo trabalhado em nenhuma siderúrgica, eles me descreviam com detalhes a cadeia produtiva das firmas. O conhecimento do processo do ferro-gusa e suas conseqüências tanto sociais como ambientais são de inteiro conhecimento de qualquer morador seja ele operário ou não.

A partir do dia 20 pela manhã iniciei minha jornada com Chico Corredor para conhecer o Pequiá de Baixo. Chico Corredor aproveitou para levar a convocatória de uma reunião que o PC do B faria em 4 dias. Representante do partido e ex-candidato a vereador, Chico possui uma rede extensa de contatos com indivíduos cujo modo de vida está relacionado às siderúrgicas, caso de operários, caminhoneiros e vigias.

No dia 27 observei uma mobilização do Sindicato dos Metalúrgicos, num local próximo a entrada das empresas Viena e da Fergumar no Pequiá de Cima, para conseguir arrecadar mil assinaturas e tornar legal a pauta de reivindicação do Sindicato para o dissídio coletivo da categoria.

Eram aproximadamente 15 horas quando o presidente Raimundo Frazão e demais membros do Sindicato começaram a mobilização, utilizando um carro de som. Uma hora depois foram chegando os primeiros ônibus transportando os trabalhadores para o turno da tarde, as primeiras firmas que chegaram foram a Simasa e a Vale do Pindaré.

Desceram todos os operários que iam iniciar o segundo turno de trabalho. Logo em seguida, estacionaram mais dois ônibus e em pouco instantes o local estava cheio de operários organizando-se para efetuar a assinatura.

Muitos dos ônibus que chegavam para levar os operários de volta às suas casas e os que traziam o pessoal para início do trabalho esperavam por pouco

tempo. A maioria dos trabalhadores que ficava voltava de carona, em outro ônibus, solidários a situação dos companheiros de trabalho, ou então, ao final do dia, por volta das dezesseis horas, o próprio chefe sindical pagou a passagem de retorno para as residências.

Este episódio, por mais que represente um laço de identificação operário demonstra também a forte dependência que os operários têm das firmas, comprovada pelo controle do tempo no transporte e gerenciamento da saída e entrada dos turnos. Os operários que entravam para sua jornada de trabalho tinham prioridade na ordem de votação em relação aos que estavam saindo das firmas.

A terceira etapa da pesquisa ocorreu no período de 13 de abril a 6 de maio. Consegui recursos para minha volta ao Pequiá através de um trabalho de pesquisa realizado pelo GERUR/UFMA em parceria com o Centro de Defesa da Vida e dos Direitos Humanos - CDVDH⁷. A partir dos contatos já estabelecidos, busquei o aprimoramento das minhas indagações, assim como a ampliação de informações cruciais para a conclusão dos dados de que necessitava. Conheci a realidade do chão de fábrica em visita a duas guseiras nesse período.

Nesta etapa me instalei na casa de um operário situada no “Pequiá de Baixo”, fiquei hospedado na residência de seu Aparício⁸. Através desta estadia fui sendo desvinculado da idéia de que eu seria um representante da Igreja, da ordem dos padres Combonianos. Aos poucos fui conseguindo transitar e acessar outros grupos de operários que não freqüentavam a igreja católica, por serem de origem protestante.

A minha estadia na casa desse informante possibilitou-me o maior contato com operários mais jovens. Através de sua influência conheci um grupo de operários, de idade na faixa de 18 a 25 anos que buscavam acumular recursos para custear as despesas de uma viagem até a cidade de Marabá/PA. Mantive contato intenso com o grupo e resolvi acompanhar o referido deslocamento, fato que ocorreu no período de 26 e 29 de abril de 2007.

⁷ Trata-se de uma pesquisa quantitativa para medir o impacto da atuação do Centro de Defesa da Vida e dos Direitos Humanos nos bairros populares de Açailândia.

⁸ Conheci o Aparício através do Chico Corredor. Em conversas informais ele ficou sabendo da minha terceira visita e me convidou para ficar hospedado em sua casa.

Neste período realizei várias conversas informais. Mais familiarizado com a realidade local pude sistematizar com maior eficácia as perguntas nas entrevistas que ainda iria fazer. Foram feitas 23 entrevistas nesse período, sendo que 19 entrevistas foram gravadas e 4 anotadas.

Voltando para o Pequiá acompanhei junto com Aparício o deslocamento de trabalhadores em busca de emprego para o portão de duas siderúrgicas que ficam localizadas próximas, a Viena Siderúrgica e a SIMASA. Fomos até o local e observei cerca de duzentas pessoas na busca por uma oportunidade de emprego na indústria siderúrgica.

Para o cadastramento nas empresas os candidatos entregam a carteira de identidade, organizados em fila indiana e alguns aproveitam a oportunidade para entregar também um currículo mínimo contando seu tempo de experiência. Normalmente após uma semana eles divulgam no rádio ou no próprio portão a lista dos trabalhadores que conseguiram a vaga. Essa forte rotatividade contribui para a indiferença com que a maioria dos trabalhadores vê o sindicato.

No dia 19 de abril fui levado por Seu Aparício visitar uma das siderúrgicas, que me explicou como funcionava o turno, para conhecer a jornada de trabalho dos operários.

Graças ao contato com alguns encarregados, consegui articular duas visitas a uma empresa siderúrgica, que foram realizadas nos dias 24 e 26 de abril. O objetivo da visita era obter informações que me permitissem a descrição do processo de trabalho e verificar como funciona a atividade de produção de ferro-gusa.

Ao adentrar as siderúrgicas senti o calor vindo dos fornos que fazem a mistura dos minérios na produção do ferro-gusa. “Tem que ser muito macho para agüentar o calor”, afirmou um dos operários ao perceber que era um visitante. Encerrada as duas visitas, os dias finais que fiquei no Pequiá contribuíram para eu compreender os mais variados espaços com sua gama de relações intrínsecas.

Além dos trabalhadores e esposas acima citados, que foram meus principais informantes, realizei entrevistas com outras pessoas da comunidade. Por conta da jornada de trabalho a maior parte das entrevistas que fiz os trabalhadores transcorreram no período noturno.

No quadro abaixo destaco as 27 entrevistas formais realizadas, das quais 23 foram gravadas e 4 foram anotadas em caderno de campo.

Quadro 1 - Lista das pessoas entrevistadas

Entrevistado	Atuação	Local de origem⁹
Zé Albino	Encostado-Viena	Miranda do Norte
Chico corredor	Ex-metarlugico sindicalista; taxista	Parnaíba - PI
Antônio Rios	Porteiro/Gusa Nordeste	Pedreiras
Dona Nenenzinha	Moradora antiga	Buriti
Dona Neuzinha	Moradora antiga esposa seu Pedro	Chapadinha
Fraga	Metalúrgico/Viena	São Domingos do Azeitão
Vicente	Metalúrgico/Viena	São Raimundo das Mangabeiras
Toinho	Encostado/Pindaré	Chapadinha
Aparício	Metalúrgico Viena	Barra do Corda
Celso	Metalúrgico	Colinas
Melqui	Ex-Encarregado	Patos de Minas - MG
Pedro	Aposentado	Buriti
Raimundo Frazão	Líder sindical	Presidente Vargas
Joaquim	Metalúrgico	São Raimundo do Doca Bezerra
Dona Francisca	Aposentada	Cidelândia
José	Metalúrgico/Simasa	Caxias
João	Encostado/Gusa Nordeste	Estreito
Almir	Ex-líder sindical	Itaituba - PA
Efigênio	Metalúrgico/Viena	Aliança - PE
Raimundo	Metalúrgico/Viena	Presidente Dutra
Antônio	Metalúrgico/Viena	Vitória do Mearim
Francisco	Metalúrgico/Gusa Nordeste	Pedreiras
Zeca	Ex-metalúrgico	Itaituba - PA
Antônio Diniz	Aposentado	Chapadinha
Dina	Movimento Social	Miranda do Norte
Adriano	Filho de metalúrgico	Imperatriz
João Matias	Filho de metalúrgico	Açailândia
Dona Creuza	Esposa de metalúrgico	Colinas
André	Encarregado/Simasa	Humberto de Campos
Eduardo	Encostado/Viena	Chapadinha
Deusdete	Filho de metalúrgico	Açailândia
Rosa	Garota de programa	Balsas
Dinho	Motorista/Gusa Nordeste	São Raimundo das Mangabeiras

⁹ Os municípios que não apresentam destacada a identificação do estado em que se localizam referem-se aos municípios situados no estado do Maranhão

CAPÍTULO 2: IMPLANTAÇÃO DO PÓLO SIDERÚRGICO EM AÇAILÂNDIA

A instalação do Distrito Industrial do Pequiá, que fica localizado a 14 km quilômetros da sede municipal, as margens da BR-222, alavancou o processo de construção do espaço urbano do município de Açailândia-MA. O que era um povoado camponês passou, no intervalo de poucos anos, à condição de bairro operário.

Conforme Cancela (1992), o discurso de crescimento e estabilidade de emprego atraiu migrantes, sobretudo de locais no quais a atividade camponesa era o principal vetor econômico. Para a autora, os camponeses de antes serão a principal base para a formação do grupo de trabalhadores das siderúrgicas que serão implantadas no município.

Segundo os moradores mais antigos, o bairro do Pequiá foi construído no final da década de 70, com o objetivo de alojar famílias que vinham de vários municípios vizinhos, sobretudo para trabalhar em serrarias, Como relata Dona Nenenzinha, Moradora do Bairro Pequiá de Baixo:

“Nós veio pra cá com o intuito de conseguir trabalho como tratoreiro. Saímos de lá da roça porque tinha uma promessa de bom emprego, meus filhos tinham que estudar (...) Agora meu marido trabalha, mas temos que nos virar pra conseguir a aprender a viver aqui(...)” (DONA NENENZINHA, 24/02/2007)

Os dados qualitativos reunidos por Cancela (1992) apontam para uma trajetória específica dos operários. Eles são oriundos de fazendas, serrarias, até atividades ligadas ao setor terciário formal e informal. O espaço que antes se constituiria por atividades agropecuárias, incorpora investimentos para a construção de um distrito industrial por conta de um de forte investimento publicitário, contribuindo assim para influenciar a atração de trabalhadores para o município de Açailândia e, mais especificamente, para o bairro de Pequiá.

Para entender como o tal espaço industrial foi construído, articulado a um forte discurso desenvolvimentista, farei a leitura dos principais momentos constitutivos da economia do município, que estão intimamente relacionados com a construção da Rodovia Belém-Brasília, nos anos 60, da Estrada de Ferro Carajás nos anos 80 e a implantação das usinas de ferro-gusa a partir de 1988.

2.1 A construção da Belém-Brasília e o surgimento de Açailândia

Segundo a classificação oficial do IBGE, o município de Açailândia está localizado na região da Pré-Amazônia Maranhense, no oeste do estado do Maranhão. A área territorial do município corresponde a 5.820 km² e sua população é estimada em 106.320 habitantes. De acordo com Carneiro (1989), o município de Açailândia, até início dos anos 1980, era constituído basicamente de população rural¹⁰.

Essa predominância da população rural está relacionada com o processo de ocupação da Pré-Amazônia Maranhense, que até os anos 1970 será uma região de atração de fluxos migratórios oriundos do Nordeste e de alguns estados do sudeste brasileiro, que, por sua vez, podem ser relacionados com as políticas definidas pelo Estado brasileiro para a integração da região amazônica ao espaço econômico nacional, através da construção de rodovias e da política de incentivos fiscais.

Enquanto a construção de rodovias, no caso a Belém-Brasília, funcionará como um mecanismo privilegiado para o desenvolvimento de fluxos migratórios a política de incentivos fiscais, operada pela Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM) com base nos recursos do Fundo de Desenvolvimento da Amazônia (FINAM), será a responsável pela atração de investimentos agropecuários e a constituição da grande propriedade latifundiária na Amazônia Oriental.

No caso de Açailândia tais investimentos - a construção da rodovia Belém-Brasília e a política oficial de colonização - atraem os primeiros migrantes nos anos 1960. O sucesso desses primeiros atrai levadas de migrantes oriundos de diversas partes do país na busca pela aquisição de terras através dos investimentos tais como: serrarias, madeireiras, pecuária, agricultura, a vinda de técnicos agrícolas, empreiteiras, corretoras dentre outras.

Segundo Carneiro (1992) esse fluxo migratório pode ser decomposto em dois movimentos¹¹: a) ocupação inicial na década de 60 por camponeses nordestino-

¹⁰ Refiro a terminologia utilizada por Cândido (1987, p.21) que segundo o autor exprime um "um universo das culturas tradicionais do homem do campo".

¹¹ Situação que corresponde aos depoimentos que recolhemos nas entrevistas no Pequiá: "Aqui tem esposa pernambucana, marido cearense, filho maranhense. Cada família possui mais de um estado em sua casa" (Entrevista com ZÉ ALBINO, 25/02/2007)

maranhenses, oriundos das frentes de expansão e, b) migração de grupos sociais heterogêneos, composto principalmente de donos de serrarias, trabalhadores não-agrícolas e camponeses, vindos de estados como: Bahia, Minas Gerais e Espírito Santo.

A diáspora dessa leva de migrantes heterogêneos acontece devido ao desdobramento das frentes de expansão e uma supervalorização da terra. Para se entender tal fenômeno é necessário compreender a dinâmica espacial e social que levam determinados sujeitos a migrarem de um local para outro.

De acordo com Carneiro (1995) e relatos dos moradores entrevistados, as terras eram utilizadas por esses camponeses para plantação de produtos como arroz, milho, mandioca e feijão. Contudo, a partir do final da década de 1960 começa a haver um processo de privatização das terras como o desenvolvimento da atividade agropecuária incentivada.

Nos anos 1970 esse modelo de desenvolvimento, baseado na economia da pecuária, associado a um processo de constituição de latifúndios têm o seu momento de auge, com a conseqüente expropriação do campesinato que havia sido atraído para a região. Registram-se nesse momento vários conflitos pela posse de terra, devido ao processo de grilagem e privatização, fazendo com que trabalhadores sejam expulsos de suas terras.

No final dos anos setenta ocorrerá a construção da rodovia MA-74, hoje denominada BR-222, ligando Açailândia ao município de Santa Luzia. A construção dessa estrada favorecerá a ocupação da área oriental do município, provocando também processo de grilagem de terra (CARNEIRO, 1992). Entrevistas com moradores antigos do Pequiá ressaltam esse processo:

“Quando viemos pra cá era só mato e capoeirão. Aqui a terra era boa para plantar dava de tudo, mandioca, arroz. Ainda tavam construindo a rodovia. Meu filho a estrada de ferro era um sonho ainda ninguém nem imagina que ficaria desse jeito. A gente trabalhava, ajudava um ao outro porque todo mundo é da lida meu filho, mas nunca esquecemos quem a gente” (DONA NENENZINHA, 24/02/2007).

Segundo Carneiro (1992), ao lado da pecuária a indústria madeireira é outro vetor importante no desenvolvimento da economia regional, que se deslocou para a região nos anos sessenta e se firmou na década de setenta.

No final dos anos 70 o município de Imperatriz já contava com 210 indústrias madeireiras instaladas, boa parte destas no distrito de Açailândia. Quando este se tornar município na década de 80 será o maior pólo madeireiro da região, contando com 54 madeireiras além de pequenas serrarias (CARNEIRO, 1992, p. 197-198).

Contudo, o período de *boom* dessa indústria será relativamente rápido, não durando mais que uma década. Esse caráter temporário da exploração florestal pode ser relacionado com as características predatórias que assumiu o desenvolvimento da atividade madeireira na Pré-Amazônia Maranhense, baseada na ilegalidade, no desrespeito da legislação ambiental e fundiária, e na busca de uma rentabilidade de curtíssimo prazo.

Analisando a situação fundiária nessas três décadas (1960 a 1980) da história do município, com base nos dados da Comissão Pastoral da Terra (CPT) sobre os conflitos agrários, Carneiro (1995) observou uma mudança no perfil da luta pela terra em Açailândia. Enquanto nos anos 1960-70 os conflitos estão relacionados com a resistência de posseiros à expulsão da terra em áreas próximas a BR-010 e a BR-222, na década subsequente eles assumirão uma nova forma:

“O que chama atenção nesses casos é o deslocamento espacial dos conflitos agrários, que passam das áreas próximas às rodovias para as terras justapostas ou na proximidade dos três principais núcleos urbanos do município (Itinga, Pequiá e a sede). Isto pode ser compreendido se consideramos como verdadeiras as seguintes hipóteses: de que teria havido sucesso nas operações de limpeza efetivadas na década anterior, com o sucesso na implantação do latifúndio no município e, segundo, que o deslocamento de trabalhadores de Açailândia passa a ser orientado por outro objetivo, não mais da procura de áreas para a agricultura, mas, da busca de postos de trabalho, portanto, deslocando-se preferencialmente para os núcleos madeireiros e, posteriormente, industrial” (CARNEIRO, 1995, p.236-237)

2.2 O Programa Grande Carajás: um novo momento na história de Açailândia

Como mostramos na seção anterior, até a primeira metade dos anos oitenta a dinâmica econômica de Açailândia esteve relacionada com o desenvolvimento das explorações agrícolas, madeireiras e da pecuária. Cenário que mudará substancialmente com a construção da Estrada de Ferro Carajás e a

implantação do Distrito Industrial do Pequiá, ações integrantes do Programa Grande Carajás.

O Programa Grande Carajás (PGC) iniciado e planejado em agosto do ano de 1970, mas precisamente no ano de 1979, objetivando a produção e extração de minérios a nível industrial, visando abastecer o mercado mundial.

A produção de minério na Serra dos Carajás, a leste do Pará, inicia-se já em 1966 contando com a participação de instituições privadas transnacionais. No começo da década de 70 com a localização dos minérios, cria-se, então, a empresa Amazônia Mineração S.A., uma parceria entre a Companhia Vale do Rio Doce e a US Steel tendo como objetivo a exploração comercial do minério de ferro de Carajás.

No fim de 1979 a CVRD assume o controle global do investimento e lança o Programa Grande Carajás. Tal programa possui no seu alicerce a Serra dos Carajás, uma província de minério possuindo praticamente a maior reserva do mundo de alto teor de minério de ferro, assim como reserva de manganês, cobre e outros.

Para explorar essa jazida mineral o PGC implantará algumas obras de infra-estrutura, caso da Estrada de Ferro Carajás, com 890 quilômetros ligando a Serra dos Carajás até São Luis, e o porto de Ponta da Madeira, ao lado do Porto de Itaqui (MA). Além dessas duas obras podemos citar também como ações integrantes do PGC a construção da Hidrelétrica de Tucuruí e o estímulo ao surgimento de distritos industriais em municípios situados ao longo da estrada de ferro (Marabá, Açailândia, Santa Inês e Rosário).

Com a construção da estrada de Ferrovia Carajás, elevam-se os preços de terras e lotes no espaço urbano de Açailândia, ocorre uma supervalorização do mercado imobiliário, um fator já em andamento devido à concentração fundiária em curso.

Por sua vez, a implantação da Estrada de Ferro Carajás atraiu um conjunto de empreiteiras de construção civil e empresas de serviços, atividades acessórias ao funcionamento da ferrovia. Essa alavancará ainda mais o processo migratório, pois permitirá o deslocamento a baixo custo de um contingente importante de pessoas para o município.

“Quando de seu funcionamento – a partir de 1984 – a ferrovia funcionará como um veículo de mobilidade da força de trabalho regional, com o número de passageiros transportados chegando a crescer mais de 100% em apenas cinco anos (...), movimentando-se principalmente no trecho Santa Inês-Parauapebas (...). Situada quase na metade desse trecho a estação de Açailândia apresenta também um alto movimento de passageiros, dentre outros aspectos, principalmente por estar no entroncamento das BR-010 e BR-222” (CARNEIRO, 1992, p. 200).

Atraídas pelos investimentos na região as indústrias de ferro-gusa são instaladas no fim década de 80, modificando o quadro social, político, econômico e ambiental da região. Com a chegada dessas empresas as terras supervalorizam, acelera-se o processo de urbanização, sendo ainda vetor de transformações no mercado de trabalho. De acordo com Cancela (1992), o bairro do Pequiá se transforma no “hall” das siderúrgicas, *um depositário de mão-de-obra. Um mix de bairro operário com favela*

Para Cancela (1992), a idéia inicial observada no discurso dos moradores atribui à instalação das indústrias uma elevação na remuneração, associada a um espaço de circulação de mercadorias oriundas da parte central de Açailândia, com preços elevados para compensar o deslocamento, em um espaço sem nenhuma infra-estrutura urbana, contribuindo com o aumento do mercado imobiliário proporcional à chegada de inúmeros trabalhadores na busca pelo emprego.

Os lotes de terras nos quais foram construídos imóveis de dois a três cômodos pertenciam a antigos moradores que eram fazendeiros ou pequenos proprietários. Os loteamentos foram responsáveis pela ocupação da margem direita da BR-222 (CANCELA, 1992). Segundo a autora duas vantagens podem ser destacadas para os proprietários: a) aumento da renda familiar com o dinheiro pago dos aluguéis e, b) a valorização dos preços dos imóveis.

As conseqüências que foram observadas dizem respeito aos efeitos de aumento populacional extremamente acelerado convergindo com uma ausência de planejamento urbano, o que resultou no quadro de forte desemprego, com atores sociais transitando entre o trabalho em roças e em pequenos ‘bicos’ (CANCELA, 1992).

2.3 A chegada das indústrias de ferro-gusa

O processo de implantação da siderurgia em Açailândia está relacionado com uma proposta de descentralização da produção industrial brasileira, amparada no II Plano Siderúrgico Nacional e, como já adiantamos, com as obras de infraestrutura do Programa Grande Carajás.

Essa industrialização tem como principal característica a intervenção direta do Estado e a atração de capitais de outras regiões do Brasil, pois as empresas que se instalam em Açailândia são oriundas de estados como Minas Gerais (Viena Siderúrgica) e Pernambuco (COVAP).

A ação governamental, no que se refere à esfera federal e estadual, apresenta como atrativo para a implantação dessas indústrias dois trunfos: i) a concessão de incentivos fiscais e, ii) a isenção do pagamento de impostos. No plano municipal as empresas recebem a cessão gratuita dos terrenos para instalação.

Segundo o discurso governamental da época o objetivo dessa atuação seria o da constituição de um parque siderúrgico a carvão vegetal na área do PGC capaz de abastecer o mercado consumidor das regiões norte-nordeste e do estado de Goiás com uma produção estimada para o ano de 2010 de 10,0 milhões de toneladas de laminados de aço, de 2,6 milhões de placas de aço, de 3,2 milhões de toneladas de ferro gusa e de 0,94 milhão de toneladas de ferro-liga (CAGNIN apud CARNEIRO, 1989, p.175).

As empresas de ferro gusa, única segmento industrial listado no planejamento governamental que veio a efetivamente se estabelecer na região, contaram para sua implantação com o forte apoio de financiamentos públicos oriundos do Fundo de Investimentos do Nordeste – FINOR – e do Fundo de Investimentos da Amazônia – FINAM. Uma vez aprovados os projetos, seus signatários recebiam até 75% do valor total indicado como necessário à implantação do parque industrial e à aquisição de áreas destinadas ao desenvolvimento de supostos projetos de “manejo florestal” ou de reflorestamento.

Os primeiros empreendimentos industriais foram implantados no município em 1988 (Viena Siderúrgica e Cia. Vale do Pindaré). Nos anos seguintes serão instaladas as empresas Gusa Nordeste, Siderúrgica do Maranhão S/A

(SIMASA) e Ferro Gusa do Maranhão S/A (FERGUMAR), cujas principais características produtivas apresentamos no quadro abaixo.

Quadro 2: Perfil das indústrias siderúrgicas instaladas em Açailândia - MA.

Nome	Grupo Proprietário	Capacidade Produtiva (ton./ano)	Empregos Previstos	
			Diretos	Indiretos
Viena Siderúrgica do Maranhão	Capital próprio	500.000	192	1500
Cia. Siderúrgica Vale do Pindaré	Queiroz Galvão	240.000	150	1350
Siderúrgica do Maranhão S/A	Queiroz Galvão	190.000	170	1400
Gusa Nordeste S/A	Grupo Ferroeste	216.000	155	1455
Ferro Gusa do Maranhão S/A	Capital próprio	200.000	188	1500

Fonte: <http://www.asica.org.br>

A indústria Viena Siderúrgica do Maranhão S.A. começou a operar no ano de 1988, funciona atualmente com cinco altos-fornos, com uma capacidade instalada para a produção de 500.000 toneladas de ferro-gusa/ano.

A Companhia Siderúrgica Vale do Pindaré entrou em funcionamento no ano de 1988 com um alto forno de capacidade de 55 mil toneladas/ano e foi adquirida em 1996, pelo grupo Queiroz Galvão. Processo similar ocorreu com a SIMASA, que entrou em operação no ano de 1991 e também foi comprada pelo grupo Queiroz Galvão em 1994. Hoje essas duas siderúrgicas possuem quatro altos-fornos para a fabricação de ferro-gusa, o que possibilita a produção aproximadamente 456.000 toneladas /ano.

A Gusa Nordeste possui um alto forno de capacidade de 53 mil toneladas/ano de ferro gusa, enquanto a FERGUMAR, que foi a última siderúrgica a se instalar, possui um único alto forno de produção com capacidade para 55 mil toneladas/ano.

A instalação desse conjunto de empresas cria uma nova situação para o município de Açailândia, logo se assiste à constituição de um distrito industrial, com a criação de cerca de mil empregos diretos. Associada à atividade siderúrgica expande-se a produção de carvão vegetal, que é o processo produtivo de maior impacto para a região, considerando o número de empregos gerados (CARNEIRO, 1992).

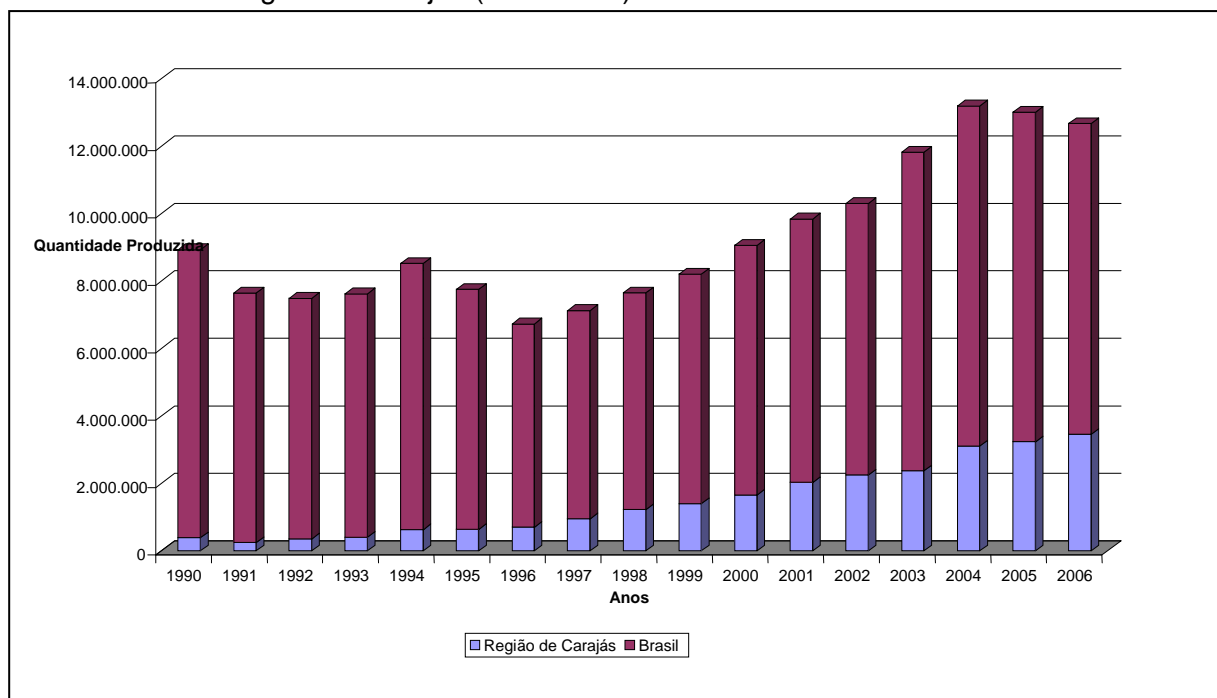
Portanto, devemos destacar que o surgimento de empregos diretos e indiretos não beneficiou o grupo de agentes sociais que seriam beneficiados por tais empreendimentos. Como mostra o depoimento que colhemos junto a um encarregado¹² que trabalhou numa das primeiras empresas a se instalar em Açailândia, que destaca a dificuldade de absorção da mão-de-obra local, dada a falta de tradição do trabalho metalúrgico na região:

“Quando chegamos aqui precisávamos maciçamente de mão de obra, porém, aqui, os indivíduos eram analfabetos e não sabiam o ofício de operário metalúrgico, apenas com o tempo, o passar dos anos, com a introdução de alguns trabalhadores como serventes gerais, limpando o pátio das fábricas e descarregando carvão, foi que conseguiram aprender a base da metalurgia, aí transmitindo de um para o outro pouco a pouco foram sendo inseridos, mas nos primeiros anos, trazíamos de Minas Gerais e Bahia.”
(APARÍCIO, encarregado da Viena)

O gráfico abaixo (Gráfico 1) nos dá uma imagem da evolução da produção guseira da região de Carajás, que engloba além das usinas de Açailândia, duas outras no Maranhão (Margusa e Cosima) e mais oito usinas em Marabá no Pará. Observe-se que a tendência, a partir da segunda metade dos anos 90 é de crescimento acelerado.

¹²O encarregado é um responsável pela fiscalização dos postos de trabalho

Gráfico 1: Evolução da produção de ferro-gusa feita por usinas independentes localizadas na Região de Carajás (1990/2006)



Fonte: Monteiro (1998, p.256)

Contudo, apesar desse crescimento da produção siderúrgica o volume de empregos diretos gerados não se amplia na mesma proporção. Ademais, o volume disponível de força de trabalho supera enormemente a disponibilidade de ocupações aportadas pelas guseiras, fazendo com que as empresas siderúrgicas disponham de um importante exército industrial de reserva, funcionando como instrumento de limitação da mobilização dos trabalhadores metalúrgicos.

Esse fosso existente entre a disponibilidade de força de trabalho e a geração de postos de trabalho na atividade siderúrgica pode ser mais bem compreendido quando consideramos os dados levantados em pesquisa realizada pelo GERUR/UFMA sobre o perfil da população dos bairros populares de Açailândia. Segundo esse levantamento, de um total de 761 entrevistados apenas 1,9% estavam ocupados em atividades relacionadas com o trabalho na siderurgia ou na metalurgia, enquanto $\frac{3}{4}$ do universo total da pesquisa respondeu que estava envolvido em atividades desenvolvidas no setor terciário (comércio e serviços) e na economia informal (MOURA, 2007).

CAPÍTULO 3: A PRODUÇÃO DE FERRO-GUSA E O PROCESSO DE TRABALHO NAS USINAS GUSEIRAS

O processo produtivo do ferro-gusa está relacionado com a cadeia produtiva do aço. Por sua vez, a produção guseira é apenas uma etapa dentro dessa cadeia. A noção de cadeia produtiva parte do pressuposto de que a produção total de bens está interconectada a toda lógica de produção e circulação de mercadorias, no qual vários atores estão inter-relacionados por: fluxos contínuos de materiais, capital disponível e agregado mais informação, tendo como objetivo dar suprimento ao mercado final com os produtos do sistema gerados pela cadeia.

Por questão de método optei por dividir a descrição do processo em duas análises: a) a descrição modular de formação do ferro-gusa; b) a divisão do trabalho interna ao chão de fábrica. A primeira é uma descrição técnica da produção, enquanto a segunda aborda a dimensão social desse processo.

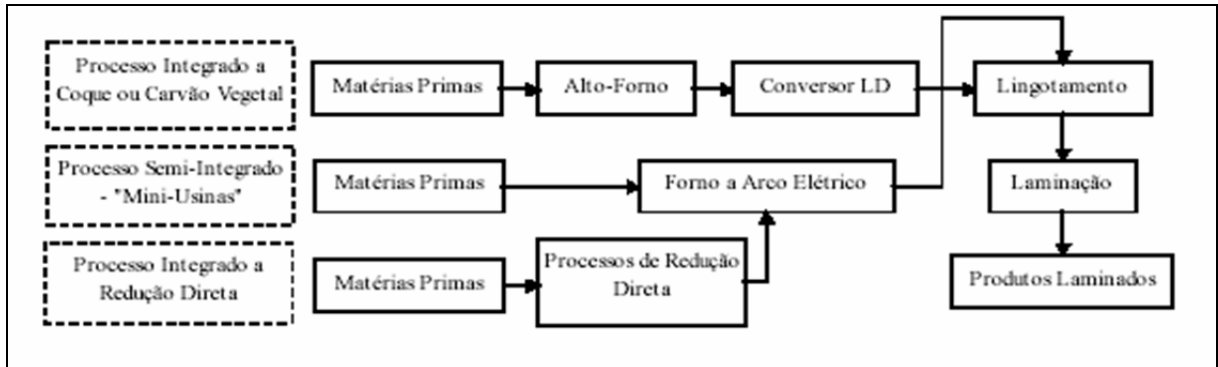
3.1 A produção do ferro-gusa

O ferro-gusa é um produto resultado da fundição do minério de ferro com carvão e calcário num alto forno, contendo normalmente até 5% de carbono e demais elementos residuais como: manganês, fósforo, enxofre e silício.

A produção de ferro gusa pode ser compreendida com uma etapa preliminar para a produção de aço. As usinas de ferro gusa são de dois tipos: integradas e semi-integradas. As siderúrgicas integradas promovem a transformação do minério de ferro em produtos siderúrgicos, semi-acabados ou acabados (laminados). As siderúrgicas não-integradas – caso das que existem em Açailândia - são usinas produzem apenas o ferro gusa vendendo-o posteriormente para usinas semi-integradas que utilizaram esse ferro para a fabricação do aço.

O processo de produção semi-integrado se dá a partir da aciaria, que usa a sucata de ferro como seu principal insumo. A figura 1 demonstra o processo de produção de ferro gusa em suas diversas possibilidades.

Figura 1: Esquema de produção do ferro-gusa ao aço



Fonte: Araújo (1997, p.23)

De acordo com a figura 1 as principais diferenças entre as usinas integradas e a semi-integradas é a ausência da etapa de redução do minério de ferro que é feita pelas mini-mills ou mini-usinas. Esta etapa está relacionada diretamente na “transformação do minério de ferro em ferro-gusa, ferro-esponja (DRI) ou ferro briquetado a quente (HBI), sendo utilizados para isso, altos-fornos (a coque ou a carvão vegetal) ou instalações de redução direta.” (ARAÚJO, 1997). Já as não-integradas são responsáveis apenas pela produção do ferro gusa, que sai na forma de matéria-prima, após o seu processamento em um alto-forno (Figura 2).

Foto 1: Pelotas de ferro gusa estocadas no pátio de uma siderúrgica.



Fonte: Barros (2007 apud CAMARGO, 2007)

A produção de ferro-gusa como comentamos anteriormente, necessita de um conjunto de produtos (carvão vegetal, minério de ferro, calcário, etc.) e corredores contínuos intercalados entre si para obtenção do produto final do gusa.

A interdependência entre os mais variados setores da produção faz com que seja observado o processo produtivo como um aglomerado de micro processos que vão da logística a forma de organização.

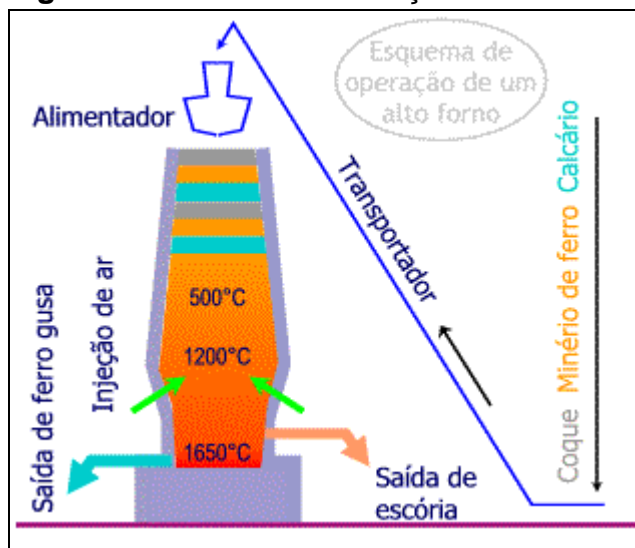
Podemos destacar três etapas dentro da logística de fabricação do ferro gusa: i) o transporte de insumos ao interior da fábrica, ii) o processo de transformação do minério em gusa e iii) o transporte do gusa fabricado para as instalações de venda.

A etapa que corresponde ao transporte do carvão vegetal é feita por caminhões- gaiola que carregam o carvão até o interior das siderúrgicas. Geralmente ao chegarem à parte interna das fábricas, os caminhões (foto 1) são divididos em grupos de quatro, enfileirados, seguindo a lógica de chegada.

A partir daí os veículos são direcionados ao local no qual é feita a descarga do carvão. Nesse local existem grupos de operários que tem a função de descarregar o carvão e colocá-lo na esteira que transportará o produto aos alto-fornos. É importante destacar que o tempo de permanência no pátio da fábrica é controlado de acordo com o tempo de produção.

Após a descarga na balança, o minério e o carvão, é pesado um depois o outro e logo em seguida, peneirados para separar as impurezas. Nesses sub-processos, existem dois grupos de trabalhadores para cada sub-etapa, separados em vagões e encaminhados por esteiras diferentes até o local no qual estão instalados os alto-fornos (Figura 2). O restante do minério que passou pela peneira é encaminhado ao sinterizador¹³ para ser usado como escória e muinha, para asfaltamento, como no caso das ruas do Pequiá.

¹³ Isto é feito através do processo chamado de sinterização. Tendo como função aglutinar os finos de minério e coque, para a produção do "sinter". A sinterização geralmente é feita em instalações das próprias siderúrgicas.

Figura 2: Processo de fundição do minério

Fonte: MSPC Informações técnicas (2007)

Na figura acima apresentada (Figura 2), temos a descrição do funcionamento de um alto-forno para produção de ferro-gusa. O processo de produção começa com o seu carregamento com minério de ferro, carvão vegetal (ou outro insumo energético como o coque metalúrgico), calcário e dolomita.

Uma vez transportados para dentro dos altos fornos esses componentes são fundidos e o minério de ferro é transformado em ferro-gusa. Após a fusão, o ferro-gusa em estado líquido escoar por canais que se localizam na parte inferior dos fornos e deslizam até um equipamento denominado lingotador.

Este processo é chamado de conformação e se encerra com o resfriamento do gusa que foi despejado nas formas do lingotador. Por sua vez, o gusa já formado é retirado do lingote no formato de cubos de 10 a 15 cm com um peso que varia entre 3 a 5 quilos.

O quadro 3 apresenta um resumo das etapas de fabricação do ferro-gusa.

Quadro 3: Etapas da produção e sua finalidade

Etapas	Finalidade
Transporte inicial	Transportar a carga de minério e carvão até o pátio.
Pesagem	Pesar a carga de minério e do gusa.
Descarga	Descarga do carvão e minério
Lingotamento contínuo	Processo de composição e formação do gusa
Conformação	Resfriamento e finalização do processo de produção do ferro-gusa
Transporte final	Transporte feito até aos compradores

3.2 O Processo de Trabalho na indústria de ferro-gusa

A organização dos grupos de trabalhadores no processo de produção do ferro-gusa está diretamente relacionada com as metas de produção estabelecidas pelas empresas. Essas metas são definidas pela superintendência de cada uma das fábricas e variam de acordo com sua capacidade de produção (número de altos fornos, disponibilidade de insumos, etc.).

O processo de trabalho nas siderúrgicas em Açailândia passou por várias modificações nos últimos dez anos, principalmente no que tange a qualificação do trabalhador. De acordo com os relatos coletados em entrevistas, o modelo de gestão implantado pelas empresas guseiras leva em consideração principalmente a versatilidade do operário. Um trabalhador versátil é aquele que consegue realizar várias atividades do processo produtivo do ferro gusa, caso, por exemplo, de um descarregador de carvão que venha a trabalhar como forneiro caso haja necessidade.

“Nós quando chegamos aqui aprendemos um pouco de tudo, já fui forneiro, hoje sou descarregador de lingotes e daqui a pouco estarei em outra função se o patrão assim quiser” (CELSO, operário da Viena, auxiliar de produção 2, forneiro)

Vale ressaltar que a instalação dessas empresas numa região sem tradição industrial e cuja ação sindical nesse até hoje é bastante frágil, teve como foco a busca por uma mão-de-obra não qualificada que se ajusta com maior facilidade a disciplina e as normas de controle do trabalho.

Como mostram os estudos realizados em Açailândia os trabalhadores recrutados por essas empresas são, desde o início, migrantes oriundos de estados com pouca tradição no setor industrial.

Salvo exceção, a maior parte desses operários trabalhava no tempo passado, como pequeno produtor juntamente com a unidade familiar original, em terras de fazendeiro, sob sistema de arrendamento e parceria. Com a formação de novas unidades familiares, (...), há o início da migração desses camponeses (hoje operários das guseiras) que constroem a perspectiva de conseguir terra para cultivar ou emprego no mercado de serviços (CANCELA, 1992, p. 5).

Os operários entrevistados revelam uma trajetória ocupacional marcada pelo trabalho na agricultura. Podemos dizer que são camponeses que são absorvidos pelas indústrias, adotam um sistema de contratação que, até o início da década de 90, compatibilizava o uso de trabalhadores não qualificados e o pagamento de baixos salários.

Segundo esses relatos num primeiro momento eles não tinham sequer a carteira de trabalho assinada, pois recebiam o pagamento semanalmente e após o término eram dispensados.

Após a criação do sindicato em 1989, houve um processo de regulamentação e formalização do trabalho no setor siderúrgico, que atingiu as posições menos remuneradas no interior das fábricas.

Nas firmas o operário aprendia trabalhando¹⁴. Os conhecimentos necessários para a produção de ferro gusa, salvo para as ocupações centrais (encarregado do forno, lingotador), foram sendo adquiridos no cotidiano do processo de produção. Portanto, podemos dizer que foi no contato com os chefes e outros profissionais que ocorreu o aprendizado dos operários da indústria guseira.

Por outro lado, o aprendizado de um trabalho pouco qualificado encontrou correspondência com o universo cultural desses ex-camponeses, cuja trajetória social está vinculada à absorção de práticas do trabalho intenso na dura vida diária.

Essa ênfase na capacidade de aprendizado significa para os trabalhadores a representação de dignidade e trabalho honesto. Um dos trabalhadores entrevistados, seu Raimundo (operário da empresa Viena, forneiro, auxiliar de produção 1), afirma que: “a prática, aqui, vale mais que conhecimento no papel. Trabalhar é bom demais eu fico orgulhoso de mim e dos colegas que trabalham duros e pagam suas contas no fim do mês”.

É importante ressaltar que para um pequeno grupo de operários, que trabalham diretamente com o alto forno e a roda de lingotamento, a exigência de qualificação foi desde o início diferenciado, exigindo um maior preparo. Para essas

¹⁴ As empresas usam estratégias no qual o aprendizado *on the job*, ou seja, o aprendizado obtido na prática é a principal forma de modelar o trabalhador aos objetivos da empresa. Em alguns casos, é utilizado o treinamento de curta duração. A escolaridade, inicialmente descartada em funções consideradas simplificadas, começa a ser exigida quando são inseridos cartões eletrônicos que registram as horas de trabalho de cada operário. Nesse sentido, a reestruturação corre paralela com o controle das atividades operacionais dos trabalhadores assim como o desenvolvimento tecnológico.

funções as empresas trouxeram forneiro e lingotadores do estado de Minas Gerais, só muito depois é que irão empregar operários locais nessas funções, que acabaram por se tornar os postos de trabalho mais desejados pelos trabalhadores locais (CANCELA, 1992, p.8).

3.2.1. A hierarquia do processo produtivo

O processo de produção de ferro gusa é relativamente simples e conduzido segundo poucos níveis hierárquicos. Na base do processo produtivo encontramos o auxiliar de serviços gerais, também conhecidos como “orelha seca”. Uma vez ultrapassada a condição de auxiliar de serviços gerais o trabalhador das guseiras pode se inserir como auxiliar de produção em algum dos setores de produção existentes (Quadro 4)

Quadro 4: Níveis hierárquicos

Setor de produção	Níveis de Produção
Descarga	Auxiliar de Produção 1 e 2
Peneira e balança	Auxiliar de Produção 1 e 2
Forno	Auxiliar de Produção 1 e 2
Lingote	Auxiliar de Produção 1 e 2

Dentro de cada setor os trabalhadores são divididos em dois níveis: auxiliar de produção 1 e auxiliar de produção 2. O auxiliar de produção 2 é o trabalhador que chefia determinado setor (forno, balança, lingotamento), sendo acompanhado por um número variável de auxiliares de nível 1. Para os cargos de supervisão e chefia existem o de superintendente e o encarregado.

Se formos acompanhar a seqüência de atividades que compõe o processo de produção do ferro gusa dentro da unidade fabril (Quadro 3), o descarregador de carvão e de minério é o primeiro posto de trabalho dentro da lógica interna ao “pátio”. Ele é a pessoa que tem como finalidade descarregar o carvão e o minério dos caminhões de transporte.

O grupo espera a chegada do caminhão e começa a fazer a descarga em meio à poeira que sobe com a atividade de descarregamento. Aqui, nesse tipo de trabalho, o esforço é tremendo, segundo os próprios trabalhadores. O

descarregamento dura em torno de quinze minutos e em seguida o carvão e o minério são colocados em suas respectivas peneiras¹⁵ pelos trabalhadores.

Controlando essas duas peneiras fica um operador¹⁶. Esse trabalhador é o responsável por uma mesa de comando que controla a quantidade de minério e de carvão que serão direcionados para o alto-forno.

A “sobra” do minério de ferro que fica do processo de peneiramento é aproveitada para a sinterização¹⁷.

Nesse ponto, os operários são divididos em dois grupos de seis¹⁸: o primeiro grupo é responsável pela matéria que será encaminhada ao sinterizador e o outro responsável por encaminhar o minério para os alto-fornos. Esses trabalhadores são os responsáveis pelo carregamento e descarregamento da peneira.

Os forneiros são os responsáveis pelo funcionamento do alto-forno e geralmente são em número de seis. Tem como atividade principal controlar a temperatura do alto forno e o processo de fabricação do gusa. De acordo com o nível de temperatura, que é informado pelo auxiliar de produção 2, eles inserem mais ou menos carvão vegetal no alto forno. Quando este atinge uma temperatura superior a 1.200 graus o ferro sobe pela pressão do vapor, escorre por ventoinhas e desce para a roda de lingotamento, onde ficará em repouso até atingir o estado sólido.

Para os entrevistados esse é o trabalho mais perigoso da atividade guseira. O ar que sai dos fornos é muito quente, o que desgasta esses trabalhadores, ademais o material de proteção utilizado parece não ser suficiente para propiciar conforto aos forneiros.

Uma vez produzido, o gusa segue para a roda de lingotamento, onde será resfriado e tomará a sua forma final. Os trabalhadores responsáveis por essa seção são denominados de lingotadores. Finalizada a atividade de lingotamento os operários enviam o gusa produzida para o setor responsável pelo armazenamento e transporte.

¹⁵ A finalidade do peneiramento é separar as partes impuras ou detritos do carvão e, separadamente a do minério.

¹⁶ Classificado como auxiliar de produção 1.

¹⁷ Sinterização é o processo de transformação das sobras do minério para serem reaproveitadas na nivelção de ruas.

¹⁸ Trabalho realizado pelo auxiliar de serviços gerais.

3.2.2 A experiência como fator de diferenciação interna

Apesar de pouco diferenciado o processo de trabalho na indústria guseira também implica em processos de mobilidade interna. Segundo as observações e entrevistas realizadas podemos dizer que “o aprender no trabalho” é o mecanismo principal dessa mobilidade interna e da obtenção de melhores salários.

Contudo, esse “aprender no trabalho” vai bem além dessa possibilidade de melhorar a posição do trabalhador no processo produtivo, ele é também um instrumento de interlocução, fundamental para o estabelecimento de relações de solidariedade no chão de fábrica. Portanto, é esse aprendizado que vem com o tempo, com o contato com companheiros mais experientes, que permite a construção de diferentes práticas de resistência do trabalho frente à gerência.

Seu Aparício (operário da empresa Viena, encarregado) comentou certa vez em entrevista: *“os homens, muita das vezes davam moleza, iam fumar um cigarro, conseguiam enganar o serviço”*.

Internamente, a diferenciação quanto à qualificação se dá de três maneiras: i) o tempo de experiência, ii) o grau de escolaridade, e iii) a formação profissional.

Os cargos localizados no alicerce da pirâmide hierárquica têm por base apenas o grau de escolaridade e o tempo de experiência. Os trabalhos típicos do sistema informacional capitalista que acompanham o desenvolvimento tecnológico e as formas operacionais de uso da mão-de-obra como os cargos de: encarregado, superintendência, controles de qualidade e segurança do trabalho, exigem cursos técnicos e cursos de nível superior. Geralmente são ocupados por profissionais contratados fora de Açailândia, pois o município ainda não dispõe de infra-estrutura educacional que supra com as necessidades desse setor.

Os trabalhadores camponeses do Pequiá que não tinham conhecimento do processo trabalho numa indústria siderúrgica irão adquirir tal conhecimento a partir da inserção em determinados postos de trabalho, como o de auxiliar de serviços gerais.

“O primeiro posto que qualquer um sem experiência começa a trabalhar é o de serviço geral, o orelha seca, o faz tudo. Ele limpa o pátio ajuda na descarga do carvão e lá ele aprende o processo de fundição do ferro, ai ele é alojado para algum posto mais específico”.

(VICENTE, operário da empresa Viena, auxiliar de produção 2, operador da mesa de comando)

A principal importância de trabalhar como “orelha seca” é a possibilidade que essa função abre para o aprendizado do processo de trabalho que envolve a produção de ferro-gusa.

O trabalhador do serviço geral, segundo os próprios operários, é o “faz-tudo”. Ele faz faxina, auxilia na coleta de carvão e minério, limpa o pátio, etc. O “orelha seca”, como é denominada essa função pelos próprios trabalhadores, circula os demais postos de trabalho. O objetivo principal, dessa posição inicial é fazer com que o operário conheça a cadeia produtiva, de forma que depois ele venha a ser inserido em alguma outra função do processo de trabalho.

“O “oreia” seca aqui começa fazendo de tudo um pouquinho, até aprender a ordem de fazer o gusa, ai ele é encaminhado para alguma tarefa simples. Ele é sempre o primeiro emprego de todo trabalhador que entra aqui.” (VICENTE, 26 de fevereiro de 2007)

“Muitos aqui ficam um ano em uma firma um ano em outra, mas sua experiência conta, eles logo olham sua carteira de trabalho ai colocam você pra trabalhar em uma função que você já fez” (EFIGÊNIO operário da empresa Viena, Auxiliar de produção 1, forneiro)

Porém, os trabalhadores que começam nesse cargo são inexperientes e muitas das vezes não conseguem ascender para outros postos, ficam apenas no posto de serviço geral ou no de descarregamento, de carvão ou minério, que é uma função que exige menor conhecimento e habilidade técnica.

O tempo e experiência de trabalho determinam o posto no qual o operário será inserido. O Auxiliar é um aprendiz. É nessa etapa que o trabalhador está aprendendo o ofício e lógica interna da firma.

Além da experiência adquirida no trabalho, com o passar do tempo as empresas passaram a exigir trabalhadores com algum nível de formação escolar, pelo menos a alfabetização completa. Dessa forma a escolarização começa a ser vista como uma âncora para mobilidade no qual o salário é maior.

Nesse novo momento, as empresas estimulam os trabalhadores a buscarem conhecimento visando à obtenção de melhorias de produtividade e adequação dos mesmos aos modelos de produção. Por sua vez, os trabalhadores

se mobilizam para a conclusão da escolaridade, se inserindo principalmente em programas municipais de educação de jovens e adultos, uma vez que inexistem cursos de capacitação para a formação de forneiros e lingotadores.

Muitos dos trabalhadores relatam que existem cursos oferecidos pelo departamento de recursos humanos, mas que apenas são cursos de motivação, que para por boa parte dos entrevistados em nada acrescentam a sua formação profissional.

Por conseguinte podemos dizer que a experiência adquirida no trabalho é o elemento central para a inserção e manutenção na atividade siderúrgica em Açailândia. Como afirmou um de nossos entrevistados, “como alguém vai trabalhar sem saber o que é o seixo ou a escória?” (Sr. Celso, Viena, auxiliar de produção 2, lingoteiro). Estar inserido, mesmo no posto mais baixo, é fundamental também por conta da construção de redes de relações dentro da firma. Como nos disse um informante:

“Tem que conhecer os colegas porque se tu és demitido pode ainda ser chamado porque eles avisam quando precisa. (...) Quando um pai e um irmão trabalham na firma, fica mais fácil para conseguir emprego” (RAIMUNDO, Viena, forneiro).

Como indicamos anteriormente essa maior experiência também é importante porque propicia uma melhoria na remuneração recebida. Entretanto, vale registrar que é muito difícil entender como esse mecanismo opera na prática, pois, como as usinas possuem diferentes sistemas de remuneração a tarefa de determinar com exatidão os salários dos operários torna-se muito complicada.

Segundo informações do presidente do sindicato o salário-base do auxiliar de produção 1 equivale a R\$ 469,25. Quando são adicionados os encargos e os adicionais por insalubridade ele pode chegar a R\$ 700,00. Um auxiliar de produção 2 recebe algo em torno de R\$ 900,00 alcançando às vezes a R\$ 1.000,00 reais com os adicionais e encargos. Porém é muito difícil definir o salário fixo pelo fato da existência do adicional pelo trabalho noturno e do recurso às horas extras.

Para o presidente do STIMAI essa variação do salário faz parte de uma estratégia individual de cada firma e que o sindicato vem tentando acabar:

“Nós temos um processo aqui, que a gente ainda não conseguiu acabar com isso as empresas quando vão contratar, nós fizemos um

levantamento de diferenças de salários por função. Tanto de empresa pra empresa, como internamente. Temos uma coisa aqui, que é até curioso, às vezes na mesma função um salário é 3 vezes maior que um de outro que faz a mesma função. Baseado na condição do funcionário. Ele ta precisando de emprego aí a empresa diz que contrata por um valor “x”. Na situação que o cara ta! Quer dizer, não tem ética. Pra você ter idéia, na Viena Siderúrgica o mecânico industrial. Aí eles têm também a mania de mudar de nome a função do operário. Mecânico industrial vira mecânico de manutenção. Aí tem o 1, o 2, o 3, o 4 e por aí vai. É tudo a mesma função, mas o salário é diferente. Aí tem um que ganha R\$ 469,50 o mecânico de manutenção, e outro que ganha R\$ 1.090,21. Então quer dizer, mais de 3 vezes, o dobro, quase 3 vezes. Então este trabalho já vem sendo feio a mais de 3 anos, lutando pra poder melhorar. Estes daqui são todos funcionários fichados nas empresas. Não tem nenhum terceirizado”(RAIMUNDO FRAZÃO, presidente do sindicato).

Outro fator importante na composição do salário é o tempo de trabalho na firma, pois o salário muda com a antiguidade no trabalho. Como relata o encarregado Aparício:

“Aqui tem uns que ganham 600 reais outros 700 e por ai vai. Vai depender do tempo e da sua relação com a própria firma. Funcionário fiel sempre ganha um pouco mais”(APARÍCIO, operário da Viena, encarregado).

A “experiência” é uma noção estruturante que é construída e acionada como um determinante da posição do ator dentro do espaço fabril. É ela também que instaura uma diferenciação central entre os operários do ferro gusa, uma vez que a construção do respeito no interior da firma ocorre pela mediação do tempo de trabalho.

“Aqui os mais velhos conhecem mais pessoas, são mais escutados, quem já trabalha há mais tempo sempre tem voz na firma. Sempre vai ser assim. Os mais novos muita das vezes nem sabe de onde saiu o nome orelha seca. Mas sabem para que serve. Quem trabalha há mais tempo sabe mais coisa. Não precisa ser necessariamente mais velho em idade, mas tem que ter trabalhado há muito tempo passado por várias firmas ou ficado muito tempo no serviço. Aqui a experiência é quem manda”(Sr. CELSO, operário da empresa Viena, auxiliar de produção 2, lingoteiro)

A idade, nesse caso, é indício de um maior tempo de experiência, de tempo de trabalho, não necessariamente de tempo biológico, mas da idade do trabalhador na usina siderúrgica. A “experiência” determina a idade, em termos simbólicos, a idade do trabalhador na fábrica. Determina também sua posição hierárquica. Ela faz com que o trabalhador acumule recursos que lhe permite interferir com mais segurança nas relações que se estabelecem no interior do espaço fabril.

“Pesquisador - O que significa ter experiência para vocês?”

Entrevistado - Significa ter prestígio, ter aprendido com o tempo o necessário, o funcionamento da siderúrgica. Os mais antigos nesse ramo, conseguem emprego fácil são mais escutados pelos outros até por funcionários que estão em postos maiores.

Pesquisador – tem haver com a idade biológica?

Entrevistado – não, não tem nada a ver. O que importa é o tempo que você permanece no trabalho metalúrgico. Esse é o tempo que importa.” (APARÍCIO, Viena, Encarregado)

3.3 A jornada de trabalho

A questão da jornada de trabalho (duração e ritmo do trabalho) se consolidou como uma questão importante na organização social desses operários.

A padronização do tempo de trabalho possui conseqüências profundas no disciplinamento do trabalhador através de técnicas eficazes, que nas palavras de Foucault (1998), são saberes que transformam os corpos dos operários em corpos dóceis.

Para discutir a jornada de trabalho como fenômeno sociológico, ancorei-me nas concepções de disciplina e biopoder de Foucault, pois percebi que nas siderúrgicas de Pequiá, os operários estavam se inserindo não apenas em um novo modo de trabalho, mas sim em um novo sistema de disciplinamento do ritmo de vida.

Assim, Foucault (op. cit., p. 119) entende que o corpo não é apenas o aparato biológico (o organismo vivo), mas uma construção simbólica perpassada pelo disciplinamento produzido por forças sociais. No caso por mim estudado, o corpo do camponês que se torna operário passa por um processo de reelaboração, sendo inserido em uma nova lógica que disciplina as condutas, o modo de pensar, organizar e ver o mundo. O corpo do operário torna-se necessário ao sistema de

produção, sendo desta maneira, disciplinado e controlado para que se torne útil. Como relata Efigênio, (operário, Forneiro)

“Aqui, eu de tanto repetir o movimento de descarregar o carvão, eu já faço quase que automático. Tudo isso porque tem que fazer bem feito e com pressa porque temos que alcançar tantas toneladas no fim do dia. Até meu sono já se acostumou com o ritmo do serviço pesado da firma.” (EFIGÊNIO, operário da empresa Viena, auxiliar de produção 1, forneiro)

Conforme Foucault, o processo produtivo é um dos mecanismos eficazes de submissão do corpo a medidas disciplinares¹⁹, de modo que os movimentos e autoconhecimento corporal sejam controlados mecanicamente pelo sistema produtivo. Na verdade, o processo produtivo reformula a concepção de trabalho e de corpo operário por meio de uma nova gestão e controle da aplicação da força de trabalho. Porém, concebo que o processo produtivo disciplina os operários de Pequiá, implantando novas dinâmicas, mas estes não são passivos, pois existem várias lógicas da antiga sociedade camponesa da qual faziam parte que ainda se manifestam com grande poder regulador.

Deste modo, fui percebendo o conjunto de dispositivos (rotinas de trabalho, controle do tempo segundo a fábrica, inserção em uma lógica hierárquica empresarial e estabilidade salarial) de controle e técnicas de reforço no trabalho (rotinas) incidem sobre o corpo desencadeando em uma modelagem (o corpo-dócil).

A partir desta perspectiva de análise, pude perceber o que Foucault afirma como: existe um poder sobre o corpo que o disciplina. Este poder em Pequiá é exercido pela lógica trazida pela siderurgia (ou mesmo a simples presença de sua arquitetura por detrás do Pequiá de baixo) que se incorpora, mesmo fora da fábrica nas dinâmicas sociais dos moradores, aos corpos dos trabalhadores.

Na siderúrgica este fenômeno fica bem claro na observação da jornada de trabalho. Os operários entram na fábrica em turnos que são destacados pelas

¹⁹ Esta racionalização temporal, assim como o sistema burocrático da siderurgia, funciona como dispositivos de controle e disciplinamento do corpo dos operários. Daí percebi que a noção de micropoder e biopoder ajudariam a pensar o processo produtivo no referente à jornada de trabalho e suas implicações nas relações no chão de fábrica, pois as relações de poder no caso estudado fervilham por entre a siderurgia, mesmo que não aja um sujeito individual as impondo, pois o poder encontra-se invisível nas relações e na própria organização temporal, sendo observável nas ações, nos corpos, gestos e comportamentos dos operários.

sirenes de aviso, enquanto no interior do aparelho produtivo o ritmo de carga e descarga do alto forno define o ritmo que disciplina os movimentos dos corpos e das mentes dos operários, como parte da “máquina” coletiva de produzir ferro gusa.

O corpo é adestrado pela rotina do trabalho pesado da fábrica. Seu José, operário do setor de descarregamento, carrega para o espaço doméstico esse tempo regulado pelo ritmo do alto forno. Vejamos o relato:

“É eu no fim de semana, fico meio descontrolado, porque num tem a rotina, fico perdidinho, pois meu dia é controlado pela fabrica, tem noite que até sonho com a zuada da buzina de quando o forno tem que ser carregado” (Sr. JOSÉ operário da empresa Simasa, auxiliar de produção 2, descarregador de minério)

Após o estacionamento dos ônibus dentro do pátio da firma, os operários se dirigem aos seus postos de trabalho seguidos do encarregado de cada área e turno específico. A jornada de trabalho média de um trabalhador siderúrgico do Pequiá corresponde a 48 horas semanais, que é realizada em turnos variáveis.

Esses turnos são divididos em três horários: a) da oito às dezesseis horas; b) das dezesseis à zero hora e; c) da zero até as oito horas.

O operário trabalha quatro dias consecutivos e folga um. Depois da folga geralmente o trabalhador pega um turno posterior ao seu. Caso o operário tenha trabalhado no turno (a) na semana anterior, na próxima vez ele entrará no turno (b) e depois no (c) e assim sucessivamente. Ao final de um mês de trabalho o operário adquire um final de semana de folga.

Quando ocorre dos operários trabalharem nesses dias de descanso há o pagamento de um adicional. Quem trabalha no turno noturno (zero às oito horas) recebe um adicional noturno.

Um dos grandes problemas identificados pelos operários são as chamadas “dobras”. Como já vimos cada função dentro da fábrica é realizada por um grupo específico de operários (os auxiliares de produção 1 e 2 daquele setor). Quando ocorre a troca dos turnos temos a substituição de um grupo por outro de operários. No caso da ausência de um ou mais integrante do grupo que está entrando para trabalhar algum (uns) membro(s) do grupo anterior terão que continuar trabalhando por mais um turno, situação designada por eles como trabalho de “dobra”.

A escolha de quem vai ficar geralmente é feita por sorteio, ou então das escalas de quem há mais tempo está sem fazer a dobra ou dos mais novos que ingressaram ao grupo. Os resultados dessa dupla jornada de trabalho são os desgastes físicos porque não é recuperado em dias de folga e o tempo reduzido do operário com a família ou para realizar atividades individuais.

Apesar desse desgaste, por vezes o trabalho dobrado torna-se uma estratégia para o aumento da remuneração. Portanto, podemos dizer que a dobra é um instrumento do poder disciplinador da empresa (a produção não pode parar), mas pode servir aos interesses do operário numa situação específica, em que é preciso elevar o salário.

“A dobra é feita porque não pode parar a produção. Como às vezes precisamos falta por problema de saúde ou coisa de casa, os colegas quebram o galho e ficam no lugar. Assim ganhamos um dinheiro extra e ao mesmo tempo cumprimos nossas tarefas. A dobre é um trabalho muito pesado porque você trabalha demais, mas para quem tem corpo de homem trabalhador agüenta. Ainda mais quem é do campo.” (CELSO, operário da empresa Viena, auxiliar de produção 2, lingoteiro)

O horário de trabalho nas empresas é um vetor que organiza a vida dos operários fora do espaço fabril. No caso dos operários que estudam, quando ocorre a coincidência da jornada de trabalho com os horários de estudo, deve ser feita uma negociação com a própria escola de forma a reduzir o impacto dos dias de ausência por conta do trabalho, com abono de faltas, atividades extra-classe, o que resolve formalmente o problema, mas não diminui o dano sobre o processo de ensino-aprendizagem.

Outro fato importante é que existem também operários professores cujo horário é negociado de acordo com a tabela mensal das suas jornadas de trabalho, não sendo pré-definidas como em horários convencionais, estabelecidos de acordo com as normas do Ministério da Educação (MEC).

O que antes era tempo-natural, agora emerge como tempo-mecânico e disciplinado pela economia de mercado, e pela relação de troca entre força de trabalho do operário e o recebimento de salário.

Percebi em alguns relatos como este tipo de modificação afetou o modo de ver o mundo (*ethos*) e a idéia de como viver. Em alguns relatos os operários falam como a nova dinâmica do trabalho fabril modificou a forma de pensar sobre a

atividade realizada, a forma de remuneração recebida e controle sobre o tempo e o ritmo do trabalho:

“Antes eu trabalhava na roça, era eu que mandava em mim não é? Tinha que prestar atenção no tempo, na terra, nós fazíamos era isso. Hoje quem manda é o patrão, mas também tem tudo certinho, o salário no dia não é? Na roça, era um dia tinha outro não, nós dependia da natureza não é?” (CELSO, operário da empresa Viena, auxiliar de produção 2, lingoteiro)

3.4 O mercado de trabalho em Açailândia

O processo de industrialização afetou profundamente o mercado de trabalho em Açailândia. As mudanças elevaram em termos quantitativos a diversidade de serviços, (re)ordenando o espaço do município, impulsionado por investimentos direcionados á implantação de siderúrgicas no distrito do Pequiá. Castro (1993, p. 95) nos diz que “Tal dinâmica interferiu diretamente na organização do mercado de trabalho diversificando-o segundo setor e ramos de atividades, ocupações, qualificações, salários, políticas empresariais e gestão da mão-de-obra”.

A formação de uma lógica de recrutamento inaugurada pela CVRD, primeiramente a partir de contratações feitas por firmas do setor de construção civil, conforme Castro (1993, p.100), foi uma herança oriunda do mercado de trabalho formado na década de 70, com a chegada de empresas que serviriam como suporte para implantação da estrada de ferro Carajas.

De acordo com essa autora, para conseguir iniciar suas operações em Açailândia, as empresas pioneiras do setor siderúrgico (Vale do Pindaré e a Viena Siderúrgica), tiveram de formar sua força de trabalho através da “mistura” de operários trazidos de locais nos quais já se possuíam tradição em metalurgia com ex-camponeses que tinha sua primeira experiência com uma atividade industrial.

“Originários de diversos estados, na maioria migrantes de origem rural, esses trabalhadores aprenderam, na prática, com operários qualificados contratados ou transferidos pelas empresas de suas filiais (...). Foram essas condições que permitiram implantar a indústria e estabelecer as bases de um mercado de trabalho local”(op. cit., p.112)

A partir das informações obtidas pelo ex-superintendente da Viena, Sr. Melqui, o recrutamento de trabalhadores vindos de Minas Gerais daria suporte para os demais trabalhadores que seriam contratados posteriormente, “pois tínhamos uma idéia de que com os metalúrgicos mais experientes, a transmissão do ensino de como fazer o serviço seria passado aos trabalhadores mais inexperientes ou com nenhum conhecimento do funcionamento do serviço industrial”.

O processo adotado *on the job*, aprender-fazendo, constitui-se, também como elementos de diferenciação interna, já que os mais experientes ganhavam um salário maior que os inexperientes, que na sua maioria eram trabalhadores camponeses.

A estrutura da distribuição do emprego formal do município de Açailândia (Quadro 5) mostra a importância das siderúrgicas como geradoras de emprego, uma vez que após o setor de serviço (26,32%) a indústria de transformação é o maior empregador do município (21,42%).

Quadro 5 - Distribuição do emprego formal por setor de atividade no município de Açailândia (em 31.12.2006)

	Nº	(em %)
Indústria de Transformação	2.602	21,42
Serviços Industriais de Utilidade Pública	86	0,7
Construção Civil	668	5,5
Comércio	1.967	16,19
Serviços	3.197	26,32
Administração Pública	1.700	13,99
Agropecuária	1.923	15,83
Total	12.143	100,00

Fonte: CAGED/MTE.

Apesar da importância da indústria da transformação e, no interior desta, do setor siderúrgico²⁰, podemos dizer que o mercado de trabalho para os operários metalúrgicos é relativamente restrito e a concorrência por uma vaga bastante acirrada.

No período no qual realizei o trabalho de campo, pude acompanhar um anúncio de vagas em duas siderúrgicas: A Viena e a Simasa. Na porta das siderúrgicas estavam cerca de 400 operários que foram na busca para serem

²⁰ Segundo essa mesma fonte de dados dentre as ocupações com maior estoque de empregos destaca-se a de “Alimentador de linha de produção” (CBO 784205), com 593 postos de trabalho em 31.12.2006.

fichados. Os dados que obtive segundo um dos encarregados, corresponde ao número de atores que se inscreveram sendo que desses 400 apenas 72 acabaram sendo “fichados²¹” nas duas firmas.

A busca por empregos, conseqüentemente a inserção dos trabalhadores do Pequiá ao complexo “mundo” das siderúrgicas é formado a partir de redes de sociabilidade estabelecidas pelos trabalhadores já inseridos nas firmas. O operário tem conhecimento da abertura de vagas através de anúncios em jornais e rádios, ou por intermédio de algum trabalhador já inserido que avisa a época no quais os mesmos deveram se encaminhar para tentar o emprego.

Os trabalhadores que já foram “fichados” possuem maior chance de serem empregados novamente. Cada firma possui a ficha completa do empregado, esteja ele em atividade ou não.

A totalidade de meus informantes afirmou que há comunicação entre as firmas, ou seja, quando você é fichado em uma firma os responsáveis dessa empresa ligam para as outras para se informarem sobre a existência de antecedentes do trabalhador empregado. Para saber se o individuo foi demitido por justa causa, por redução do quadro ou se o próprio pediu demissão.

O processo de recrutamento de novos trabalhadores é relativamente rápido. Em uma semana eles divulgam no rádio ou no próprio portão a lista dos trabalhadores que conseguiram a vaga. Em seguida, sai a lista dos “fichados” que é divulgada no portão da firma.

Após a seleção os “fichados” passam por uma bateria de exames e são inseridos no posto e turno de trabalho segundo a experiência ou não na atividade siderúrgica. No caso dos que possuem experiência, a orientação das gerências é no sentido de inseri-los em postos que trabalharam anteriormente, já os que não possuem experiência começa a trabalhar como serviços gerais, pois embora existam trabalhadores experientes nesse posto, a “porta de entrada” do trabalhador na atividade siderúrgica é a atividade de serviços gerais.

De acordo com os operários entrevistados dois elementos interferem positivamente nas possibilidades de mobilidade ocupacional dentro da empresa: o nível de escolaridade e o tempo de experiência. Segundo eles, o funcionário que

²¹ É uma expressão utilizada para os operários que são cadastrados e assinam o contrato de trabalho com a empresa.

está preocupado em melhorar sua qualificação é visto com “bons olhos” pelos patrões.

Outro aspecto que deve ser mencionado sobre o mercado de trabalho diz respeito à alta rotatividade dos operários nas indústrias siderúrgicas. Essa rotatividade em excesso contribui para indiferença da maioria dos trabalhadores para com o sindicato.

“Eu fui demitido por redução de uma firma, mas já entrei em outra, Aqui acontece muito disso. Eu trabalhei dois anos na Viena, depois fui para Vale Pindaré passei mais 3 anos e hoje estou trabalhando na Simasa”. José (Operário da Simasa, forneiro)

A temporalidade, materializada na rotatividade aguça as relações dependentes dentro espaço fabril. Embora o protagonista nessa relação interno ao mercado de trabalho é a representação do emprego, como fonte de estabilidade, a necessidade de sustentar a família, de pagar as contas, une os trabalhadores à lógica das guseiras, visto que a mercadoria força de trabalho é vendida, mas não apartada do trabalhador, portanto gerenciada pelas guseiras.

3.5 Os trabalhadores e as siderúrgicas: o caso do sindicato.

Um dos componentes importantes no estabelecimento das relações entre empresas e trabalhadores é o Sindicato dos Trabalhadores na Indústria Metalúrgica de Açailândia e Imperatriz (STMAI). Criado em 1989, o sindicato foi um componente central no processo de formalização das relações de trabalho na siderurgia de Açailândia e, apesar de todas as dificuldades, tem sido um instrumento importante para os operários da região.

O sindicato possui uma grande importância na história dos metalúrgicos de Açailândia, principalmente por ser o principal mediador, enquanto organização formal na relação capital-trabalho. O processo de sua constituição, da visão que os trabalhadores que residem no Pequiá possuem do Sindicato são conseqüências das ações desenvolvidas por alguns militantes ao longo da década de 1990, que se dedicaram à formação dessa entidade.

Identifiquei na fala dos operários uma noção de sindicato peculiar, construída para os mais antigos a partir da referência histórica das ações sindicais,

primordialmente por conta de duas greves desencadeadas, entre os períodos de 1989 e 1993.

A força desses movimentos grevistas no imaginário dos operários mais antigos pode ser medida pela importância que eles conferem a algumas lideranças, os pioneiros e responsáveis pela fundação da organização: o Francisco, conhecido como “Chico Corredor” e Almir, ambos filiados ao PC do B, que hoje não estão mais vinculados ao trabalho na siderurgia de Açailândia.

De acordo com o relato de “Chico Corredor”, a motivação para a constituição do Sindicato nasceu do elevado nível de exploração a que eram submetidos os trabalhadores das primeiras siderúrgicas. Afirma que nem atestados médicos eram aceitos, caracterizando uma relação selvagem entre capital e trabalho.

“Quando foi em 89, nós fundamos o Sindicato dos Metalúrgicos, porque nessa época a exploração trabalhista, aqui, era demais. As pessoas quebravam perna, braço, adoecia e era obrigado a trabalhar doente. Atestados não eram aceito. Os caras eram demais. Então resolvi, eu e mais um grupo de pessoas que estavam vindo de São Luís, tinha uns estagiários que disseram que não poderiam entrar no meio da luta, mas eles deram um toque para a gente: Ou a gente abria o olho, ou então mais tarde seria uma exploração mais do que já tava tendo”. (Entrevista com Chico Corredor, ex-operário da empresa Viena)

Esses primeiros militantes tomarão essas péssimas condições de trabalho como alavanca para a constituição do Sindicato, como nos diz Chico Corredor.

“Então nós se juntamos com um colega que era padre, na época, não se ele ainda é vivo hoje. Agente falou pra ele, e ele disse que era bom agente pensar a questão. Porque era justo que um trabalhador passasse a situação que nós tava passando, naquele momento. Eram coisas bárbaras, eu acho que nem dentro dos presídios acontecia aquele tipo de coisa. Então acontecia muita coisa. Aí agente se reuniu quatro vezes lá no Pequiá de Baixo. Pedimos o abrigo da paróquia. Agente reunia até debaixo de uma árvore se fosse preciso. Juntamos com um colega, que trabalhava na Viena, chamado Antônio Severino Lima, que foi o primeiro presidente do sindicato. Companheiro autêntico, inteligente. Um cara bravo, preparado pra tudo. Inclusive saiu daqui com problemas de saúde. Hoje ele está em São Paulo, ele está aposentado.” (Entrevista com Chico Corredor, ex-operário da empresa Viena)

A organização coletiva dos operários daquela época se deu a partir do estabelecimento de laços de solidariedade, construídos através da noção de exploração que ambos tinham em comum, conseqüentemente adequada pelos elementos ideológicos, advindo dos contatos com entidades cuja história é marcada pela defesa dos interesses dos trabalhadores, ou pela “invenção” desses interesses.

Segundo essa perspectiva, confirmada nos relatos de outros trabalhadores entrevistados, a identidade metalúrgica se construiu através de lutas pela transformação das péssimas condições de trabalho nas siderúrgicas do Pequiá. Lutas essas que ainda nos dias de hoje permanecem vigentes, mas, com que assumem novas características.

As relações pessoais abriam leques de possibilidade para formação de ações coletivas, que visam por em questão determinadas políticas e ações das firmas. Francisco, o Chico Corredor destacou a importância das relações baseadas na afeição e amizade para a organização dos trabalhadores:

“Quando montamos o sindicato, nós sabíamos que onde morava um colega e ele quando passava mal e era punido pela falta, muitos se juntavam, até os protestantes que gostavam de trabalhar nunca faltavam nas reuniões para prestar solidariedade ao companheiro de luta. Tudo nasceu na amizade” (CHICO CORREDOR, ex-operário da empresa Viena e ex-diretor do Sindicato).

Almir, ex-operário da empresa Viena e um dos membros fundadores do sindicato dos metalúrgicos, lembrou que: “O fato de ser do Maranhão e do campo dava voz. Eu era escutado. Eu conseguia ter força para falar com os amigos que não moravam no Pequiá. O fato de ser nordestino me fez ter voz com os baianos que trabalhavam ainda lá, mesmo em cargos de chefia como encarregado eu era escutado”.

Portanto, a formação de lideranças também se dava pelas relações de vizinhança e trajetórias em comum, pois para os membros antigos do sindicato, a participação coletiva era efetivada pela base dos laços de parentesco e amizade. Destaco que, embora tais laços sejam essenciais na formação de classe, a organização dos trabalhadores se deu pelo sentimento de pertencer a um grupo cujas relações estão pautadas nas redes de vizinhança e solidariedade mecânica, não baseada no sentimento de pertencimento a uma classe metalúrgica.

De acordo com os trabalhadores entrevistados atuantes desse período, a influência da Igreja Católica foi decisiva, para que os trabalhadores adquirirem instrumentos legais para formação de uma organização formal, no qual uma instituição legal pudesse ser o veículo entre a empresa e os trabalhadores. A interferência de um membro do corpo sacerdotal e responsável pela paróquia do Pequiá de Baixo contribuiu para o processo de conscientização política do grupo de trabalhadores que levaram adiante o processo de construção da estrutura sindical em Açailândia com elementos identitários dos próprios operários que viviam da exploração do trabalho pelas guseiras.

Também aparecem como mediadores importantes desse processo inicial de mobilização os estagiários indicados por Chico Corredor no excerto da entrevista transcrito na página anterior. Segundo informações do Sr. Aparício, um dos encarregados da Viena nesse período, esses estagiários eram estudantes de engenharia e administração que vieram trabalhar nas siderúrgicas do Pequiá.

Por possuírem um nível de escolaridade bem mais elevado que os metalúrgicos os estagiários indicavam os caminhos que os trabalhadores deveriam prosseguir nas elaboração de suas reivindicações, embora atuando de forma indireta, para evitar represálias das empresas, como destacado por Chico Corredor: “ (...) *uns estagiários que disseram que não poderiam entrar no meio da luta, mas eles deram um toque para a gente: Ou a gente abria o olho, ou então mais tarde seria uma exploração mais do que já tava tendo*”.

Ainda segundo esses relatos as ações iniciais que marcaram o processo de constituição do sindicato enquanto instituição intermediadora das ações coletivas foi liderada por Antônio Severino Lima, mais conhecido por “Lima”, que foi o primeiro presidente do STIMAI.

O Lima, como é conhecido, veio de São Paulo e de acordo com a entrevista do Chico Corredor de outros operários que o conheceram dessa época, ele era filiado ao Partido Comunista do Brasil (PC do B) e fez parte do sindicato de metalúrgicos do ABC Paulista em São Paulo, região na qual trabalhou antes de vir para Açailândia.²² Podemos dizer que esse núcleo de militantes, constituído por Lima, Almir e Chico Corredor foi os articuladores da criação do Sindicato.

²² É importante destacar a descrição do Lima como um personagem construído através da fala dos operários, mesmo que tenha observado a sua trajetória pelos registros legais dentro os quais o sindicato possuía, não consegui entrar em contato com esse importante informante, visto que a

A militância no PC do B possibilitou a essas primeiras lideranças sindicais dois elementos importantes para o desenvolvimento do trabalho de mobilização: a) uma ideologia anticapitalista e, b) meios materiais para levar a frente à constituição do Sindicato.

A importância da adesão a ideologia anticapitalista está relacionada com a ênfase conferida por esses primeiros militantes ao trabalho de auto-organização dos trabalhadores metalúrgicos, forma de atuação vista como alternativa para a superação da exploração. Como explica Chico Corredor ao falar do seu contato com o partido.

Pesquisador: *Como foi o seu primeiro contato com o PC do B?*

Chico Corredor: *O meu primeiro contato foi através do Lima. Porque o Lima era filiado do partido lá do ABC paulista, ele sempre participava. Porque ele sempre defendeu o partido, sempre, desde o Marxismo. Aí numa viagem que nós fizemos pra São Luis, pra resolver problemas nossos, do sindicato, ele me convidou pra fazer uma visita até a sede do partido. (...) Aí eu pedi pra eu ler os livros e depois que li, eu vi que a luta se identificava comigo. E tudo que eu fiz dentro do sindicato, foi pelo partido, eu não nego pra ninguém. Eu fiz em luta ao partido e ao meu conhecimento. Cada página que eu lia, no dia seguinte eu fazia igualzinho. Porque eu digo: A pior coisa do mundo é exploração do pelo homem. É triste. E os capitalistas sempre querendo mais. Enquanto você não der a sua última gota de sangue eles não te deixam paz.*

O aspecto do apoio material oferecido pelo PC do B, que na época estava na direção do Sindicato dos Metalúrgicos de São Luis, é ressaltado por Almir. Pode-se ver que o partido funcionava como um consultor do sindicato dando o aparato técnico-administrativo, direcionando as ações da organização frente às firmas.

“Nós tínhamos curso de capacitação para todos os sindicalizados. Os cursos de capacitação foi o PC do B que arrumou. O curso de capacitação metalúrgica, na qualidade de sindicalista. Nós fizemos dois cursos de sindicalismo nesse período” (ALMIR, ex-operário da firma Viena).

distância apareceu como obstáculo, o Lima mora atualmente em São Paulo segundo o Chico, e a inexistência de informações precisas que me levassem até ele.

As siderúrgicas associavam o sindicato à imagem de uma instituição que promovia apenas greve e tornava-se um obstáculo à produção, visto que a produção serial do ferro necessitava do tempo integral da força do trabalho dos operários. A greve, segundo o Sr. Melqui Fonseca, ex-diretor geral da Viena, *“não tinha a função de mobilizar trabalhadores pela luta de interesses coletivos, mas de desarticular a organização empresarial da firma e prejudicar o desenvolvimento de suas atividades”*.

O problema da falta de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) tornou-se o carro-chefe das reivindicações trabalhistas desencadeadas na primeira greve no ano de 1989, bem como a proposta do aumento de 117% no salário-base da categoria, segundo informações do presidente do sindicato, Raimundo Frazão.

Essa ausência de material de segurança - botas, máscaras e vestimentas, etc. - para a realização de atividades bastante insalubres associado a fragilidade da fiscalização do Ministério do Trabalho junto as siderúrgicas ofereceu aos primeiros dirigentes sindicais um excelente motivo para a mobilização. Segundo relato dos operários entrevistados, *“vínhamos trabalhar com as botas sem sola porque não nos disponibilizavam material adequado e conforme as normas de segurança”* (Antônio, Auxiliar de produção 2, forneiro da Siderúrgica Viena).

A greve durou dez dias, e serviu para melhorar as condições de segurança do trabalho, falhando, entretanto, no que concerne à reivindicação do reajuste de 117%. No salário-base. Segundo ao atual presidente do Sindicato alguns pontos enfraqueceram esse primeiro movimento paredista, caso da falta de apoio dos outros sindicatos e das outras categorias que compõem a atividade da siderurgia em Açailândia.

“Em 1989, quando nós fizemos a primeira greve, nós convidamos o sindicato dos motoristas, que surgido naquele momento. Motoristas, seriam eles da siderúrgica. Aí a gente foi pressionou eles, aí quando chegou no momento os motoristas e carregadores disseram que não iriam entrar na greve porque as empresas tinham dado um aumento a eles. Aí o pessoal ficou tu quieto. Depois que agente ficou nove dias de greve, com aquele sofrimento, quando os caras receberam o pagamento não tinha 1 (hum) centavo. Na época, agente entrou em contato com o sindicato do comércio, com o dos trabalhadores rurais. Aí surgiu até um comentário que nós queria era tomar o sindicato deles. A gente tem até um bom relacionamento, naquele tempo, com os outros sindicatos, mas na hora de fazer uma ação realmente, não tem consenso.” (RAIMUNDO FRAZÃO, atual presidente do sindicato)

A greve, enquanto fenômeno histórico na trajetória social dos trabalhadores contribui para a representação do fracasso por parte do sindicato como uma instituição em defesa do interesse dos metalúrgicos. Muitos comentam: “esse sindicato não faz nada, desde a época da greve que isso acontece”, outros ainda dizem: “o Chico lutou, mas não conteve o avanço das firmas.”

As transformações significativas na trajetória sindical ocorreram com a eleição da nova diretoria e conseqüente a esse processo, a mudança do perfil ideológico do sindicato, visto que o novo presidente, Raimundo Frazão, filiou-se ao partido PSB (Partido Socialista Brasileiro), que possuía interesses e perspectivas ideológicas diferentes do PC do B do qual Almir e Chico Corredor eram membros.

O ano de 1993 foi marcado pela segunda greve impulsionada por ex-integrantes do sindicato: o Almir e o Chico Corredor. O relato, tanto de Chico quanto de Almir, aponta para uma pressão e uso da força por parte das siderúrgicas, que ainda detinham o monopólio econômico local.

O sindicato já sob nova direção tomou uma postura de negociação que de certa forma interferiu, no desenvolvimento dos interesses dos trabalhadores. Por sua vez, após uma tentativa frustrada de alcance dos interesses coletivos, tanto o Almir quanto o Chico Corredor, excluídos do mercado de trabalho, visto que a sua postura construída historicamente de divergência à posição das firmas, reformularam toda a concepção de sindicato construída na imagem dos operários.

“Ninguém acredita em um sindicato que não tem operário trabalhando na diretoria, pelo menos o Chico mesmo sendo doido nas idéias dele, era operário e sofria como nós.” (CELSO auxiliar de produção 2, Viena)

A partir desse contexto o sindicato nos dias atuais adquiriu a posição de negociador, tendo sua principal forma de organização abalada pelos novos modelos de gestão que integram os funcionários, no caso os operários, as tomadas de decisão na inter-relação entre os demais trabalhadores (RAMALHO & SANTANA, 2004, p. 43). A mudança de paradigma que conforme estariam ligados ao modelo tradicional de ação coletiva utilizada pelos sindicatos. Como argumentam esses autores:

A partir desse ponto de vista, o que vem ocorrendo não é uma crise do sindicalismo, mas uma crise de seu estilo e orientação tradicionais. Nesse sentido, deve-se fazer uma análise fina da questão da solidariedade e perceber que os princípios e práticas do sindicalismo sempre mostraram uma tensão entre ambiciosas declarações de solidariedade em geral vinculadas às metas da transformação socialista, e as rotinas de defesa dos interesses imediatos do emprego e de categorias específicas dos afiliados. (op. cit., p.44)

CAPÍTULO 4: MORANDO NO BAIRRO DO PEQUIÁ: OS OPERÁRIOS FORA DO ESPAÇO FABRIL

Neste capítulo, abordarei a relação dos operários estudados com o bairro do Pequiá, enfatizando tanto a construção social do bairro com a trajetória dos operários que foram marcadas por processos de (re)significação no local receptor. Tal ênfase é de relevância capital visto que *“aqui, como vemos o espaço se confunde com a própria ordem social de modo que, sem entender a sociedade com suas redes de relações sociais e valores, não se pode interpretar como o espaço é concebido”* (DAMATTA, 1997:30)

O espaço do Pequiá foi construído a partir de uma lógica que permeia diversas referências e trajetórias sociais que implicam na construção de um espaço plural, que variam conforme os momentos de sua ocupação.

Para tanto, os operários construíram suas identidades através de laços de solidariedade vivenciados no espaço dentro e fora das fábricas, compartilhando elementos subjetivos em comum, que possibilitaram delimitar os principais fatores que o aproximam e determinaram sua posição dentro das redes de relações sociais no Pequiá. Apesar de que, quando falamos em distância, remetemos a grandezas espaciais, seja de proximidade em graus diferenciados, é impossível observar os laços de pertencimentos ao grupo dos operários sem nos atermos aos vetores constituintes da identidade. É importante lembrar que não venho aqui a dissertar somente sobre o espaço, mas sim sobre as relações sociais que dão status de grupo social ao conjunto de trabalhadores residentes, a partir das suas práticas cotidianas.

Em um primeiro momento, a constituição do Pequiá foi marcada pela presença de atividades agrícolas, de camponeses oriundos da frente de expansão nordestina e do fluxo migratório da Belém-Brasília (CARNEIRO, 1995). Como foi destacado numa pesquisa realizada no início dos anos 1990:

Quem vive no Pequiá? (...) No princípio da formação do povoamento, a imagem das famílias camponesas trabalhando em terras próximas constituía a identificação atribuída ao espaço do Pequiá. Uma representação ligada, portanto, ao trabalho de cultivo e criação de gado desenvolvida por seus moradores enquanto atividades centrais (CANCELA, 1992, p.7).

Ainda segundo essa mesma autora, a partir do final dos anos 1980, a organização do povoado será modificada bem como a percepção sobre as suas características centrais, que passam a ser relacionadas com a chegada das primeiras siderúrgicas e o fluxo de migrantes para as moradias do então Distrito Industrial.

A linguagem imagística utilizada sugere a simbolização do Pequiá enquanto lugar das firmas. É, portanto, um lugar de migrantes e de firmas, nele não se observa casas de fazendeiros, políticos ou empresários. São os trabalhadores com atividades, principalmente em empresas locais, (...) (op. cit., p.7, grifos nossos).

O processo de transposição do campo ao universo fabril é definido pela conexão dos trabalhos em serrarias e madeireiras, visto que este tipo de economia extrativa consolidou-se no período de transição entre a atividade agropecuária e siderurgia. Ao longo dos anos, muitos trabalhadores, inclusive os entrevistados, geralmente passaram por esse processo seguindo a lógica: campo > serraria; madeireira > firma. A trajetória econômica associada à trajetória social dos operários modificou os elementos constitutivos do espaço camponês (re)alojados através dos deslocamentos sociais e mobilidade para o espaço fabril. Esse fato evidencia a influência direta que o bairro sofre das siderúrgicas, em uma espécie de simbiose entre o espaço social da comunidade e o espaço industrial, interligados.

Por conseguinte, entender o Pequiá como lugar das firmas e dos migrantes, e agora como local de residência da maior parte dos trabalhadores das siderúrgicas, é compreender como esses operários vivem fora do espaço fabril, nos seus momentos de lazer e de atividades com a família e seus amigos.

4.1 A constituição do bairro do Pequiá

Segundo De Certeau (2005), o bairro é uma congruência entre o espaço quantificado e o espaço qualificado. Para o autor, o bairro torna-se o espaço privado dentro do espaço público. Portanto, o bairro surge como domínio onde a relação espaço tempo é a mais favorável para um usuário que deseja deslocar-se por ele a pé saindo de casa.

Como já indicamos, o bairro do Pequiá surge na década de 60, como localização camponesa. Segundo Dona Nenenzinha, o que hoje é considerado um bairro antes era apenas um capoeirão²³, para onde se deslocaram vários migrantes oriundos de outros municípios na busca de um pequeno lote de terra para plantio de milho, arroz, etc.

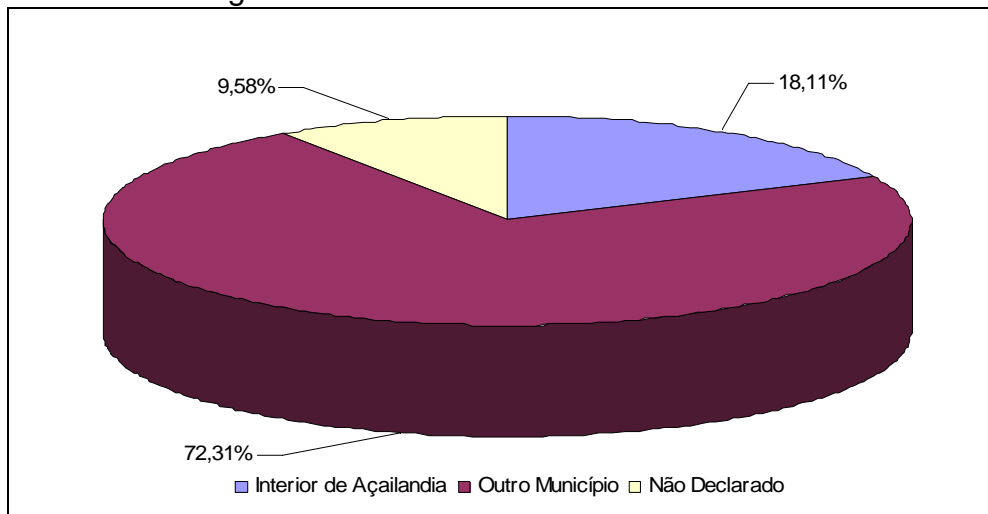
“Aqui existia muita terra pra plantar. Antes, só tinha nós aqui e muito mato. Ai chegaram os baianos que compraram terras até a chegada da estrada de ferro” (Dona Nenenzinha, moradora do Pequiá)

No capítulo 2, fiz a descrição da história de Açailândia, que nesse primeiro momento será marcada por conflitos fundiários. A migração de camponeses nos anos 1970, a valorização do mercado de terras com a constituição das empresas agropecuárias, a chegada, nos anos 1980, de serrarias e madeireiras são os principais ingredientes dessa situação de conflito.

O processo de migração intensifica-se a partir da década de 80 com a implantação do PGC, transformando o Pequiá em distrito industrial. Esta afirmação é observada também por Cancela (1992) quando se refere à história do Pequiá como a da transformação de um núcleo camponês em distrito industrial. Processo esse marcado pela chegada do tempo das firmas, da penetração do capital configurado nas usinas siderúrgicas.

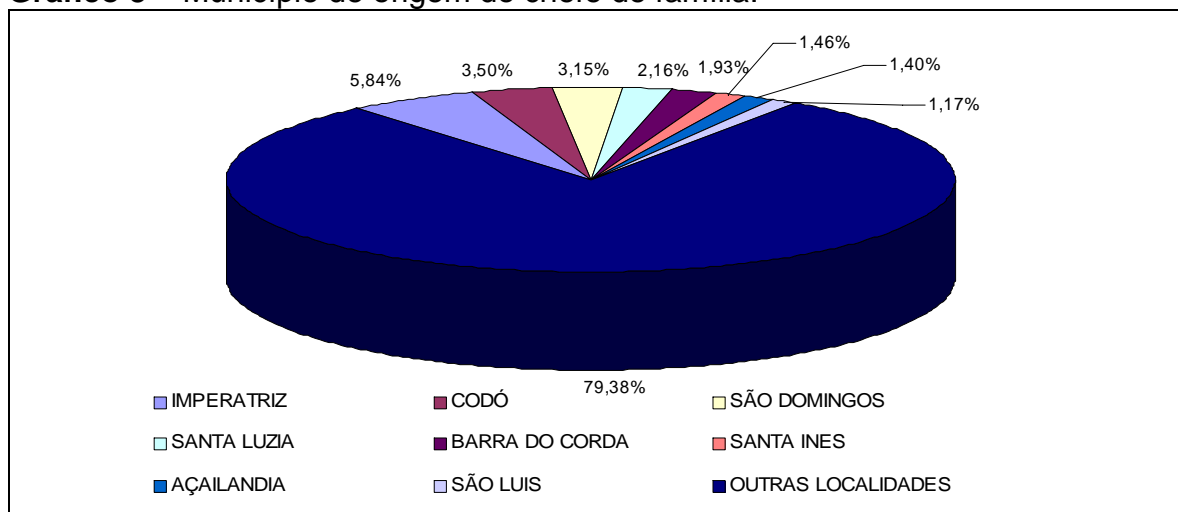
A migração nesse período é potencializada pela atração de investimentos para região e a imagem do progresso é disseminada atraindo trabalhadores de várias regiões do País. Uma pesquisa recente, feita em 2003 pelo Instituto Ekos, sobre as características da população do bairro do Pequiá, mostra a importância do número de migrantes no conjunto da população residente do bairro (Gráfico 2).

²³ Área que foi utilizada para atividade agrícola e que foi deixada por alguns anos em descanso, de forma a permitir para a recuperação da vegetação e o estabelecimento de novas atividades agrícolas.

Gráfico 2 - Origem do chefe de família.

Através dessa informação confirmamos o dado levantado por outros pesquisadores sobre a formação do município de Açailândia (CARNEIRO, 1992) e do bairro do Pequiá (CANCELA, 1995) de que a maior parte dos chefes da família é oriunda de outras localidades (72,31% do total).

O gráfico 3 complementa a informação anterior discriminando os municípios nos quais residiam os chefes de família antes do deslocamento para Açailândia. Cerca de 80% informaram localidades de outros estados. Aqueles que são oriundos do estado do Maranhão dividem-se entre os municípios de Imperatriz (5,84%), Barra do Corda (3,5%), São Domingos (3,15%), Santa Luzia (2,16%), vindo em seguida Codó e São Luís.

Gráfico 3 – Município de origem do chefe de família.

A partir da formação do distrito industrial e a entrada em operação das siderúrgicas o bairro tornou-se um local de recepção de migrantes em busca de trabalho “nas firmas” (CANCELA, 1992). Aparece, portanto, o fenômeno o deslocamento dos trabalhadores para a atividade metalúrgica.

Segundo as entrevistas aos operários do Pequiá foi possível detectar uma rede articulada para a possibilidade do deslocamento sócio-espacial. Os amigos e parentes desempenham papel importante. Seu Aparício (encarregado da Viena) recorda que “quem tinha conhecido chegava aqui no Pequiá e procurava logo pelos amigos e parentes”.

A partir de relatos dos trabalhadores entrevistados, cruzados com as informações obtidas por Cancela (1992), podemos dizer que a escolha dos trabalhadores pela residência no bairro do Pequiá está relacionada com três fatores: i) a proximidade do seu provável local de trabalho, b) a possibilidade contar com o apoio de familiares que já residiam neste local e, c) o baixo custo da aquisição de um imóvel nessa localidade. Como confirma o depoimento de um entrevistado:

“Quando cheguei eu procurei logo meu irmão que já morava aqui. Foi muito bom porque o bairro é pertinho do trabalho e o que tinha nessa época de lotes de terra para vender e casas para alugar era tentador para qualquer um que conseguisse um emprego.” (CHICO CORREDOR, ex-operário da Viena.)

4.2 O Pequiá Hoje

Se a própria firma produz efeitos diretos sobre o bairro (como sons barulhos e poeira) os próprios moradores trazem essa influência do chão de fábrica para seus locais de moradia. Como os caminhões - gaiolas que transitam pelo bairro como carros domésticos (foto 2), fazendo com que os moradores pedestres circulem com noções de sentido e direção adaptados a nova rotina diária de circulação pelo bairro, evitando acidentes, aglutinado à escória de minério utilizada para asfaltar as ruas, transformando o bairro do Pequiá em um *hall* das próprias firmas.

Figura 3: Maquete do Pequiá

A figura acima tenta mostrar a organização geral do espaço do bairro do Pequiá. O bairro cresceu ao longo da BR-222, rodovia que liga o município de Açailândia a Santa Inês, e segundo uma divisão estabelecida por seus moradores – que nós destacamos com uma linha branca – entre duas zonas espaciais: o Pequiá de Baixo e o Pequiá de Cima.

As siderúrgicas localizam-se na margem esquerda da rodovia (sentido Açailândia – Santa Inês) e estão representadas pelos números 1 (Gusa Nordeste), 2 (Fergumar), 3 (Vale do Pindaré), 4 (Simasa) e 6 (Viena Siderúrgica). Na margem oposta da rodovia destacamos as instalações da Cia. Vale do Rio Doce, que mantém ali uma estação da Estrada de Ferro Carajás que serve para embarque/desembarque de passageiros e para o carregamento/descarregamento de produtos (minério de ferro, ferro gusa, combustíveis, et.) transportados pela ferrovia.

4.3 Pequiá de cima

O espaço designado como Pequiá de Cima (Figura 3) corresponde ao local destacado pela presença de residências identificadas pelo número 7 e de uma usina siderúrgica (Viena Siderúrgica).

A principal via de acesso do Pequiá de Cima é uma avenida com asfaltamento revestido de terra e escória (Foto 2) que tem como ponto final a entrada da Viena Siderúrgica. Ao lado dessa empresa e atrás das residências destacamos a presença de uma plantação de eucalipto (número 7), que serve como indicador da presença das siderúrgicas na localidade, pois trata-se da matéria prima para a produção (carvão vegetal) do ferro gusa.

Seguindo essa avenida conseguimos enxergar uma casa de shows chamada Blecaute (número 5), o ponto de encontro dos adolescentes do bairro aos sábados. Essa parte do Bairro possui algumas casas com muros e portões mais altos. Nela residem os moradores que possuem maior poder aquisitivo dentro do bairro, o que se manifesta também na existência de uma melhor da infra-estrutura urbana.

Foto 2: O Pequiá de cima.(13/02/2007)



Antes de atravessarmos a avenida observamos casas mais simples, mercearias pequenas, farmácias, embrenhadas entre as oficinas e torneadoras, identificadas pelo número 7 na figura. Essas pequenas empresas têm como negócio principal a atividade de prestação de serviços para as siderúrgicas ou para atividades indiretas decorrentes da presença destas no Pequiá.

Devo destacar que a presença dessas indústrias no bairro manifesta-se em algo mais do que a geração de atividades econômicas que se materializam nesse conjunto de pequenas empresas, pois o fluxo de atividades a elas relacionadas interfere diretamente na lógica das relações humanas no Pequiá. Temos, por exemplo, a situação das casas de alvenaria quase sempre sujas da poeira que se espalha com o fluxo ininterrupto dos caminhões de transporte de carvão vegetal.

O bairro é constituído e dividido por vários lotes. As torneadoras (foto 3) ficam às margens da BR-222 e do lado oposto a um conjunto de casas e a rua de prostituição, batizada por um antigo padre comboniano como *Rua do Amor*

Foto 3: Rua do Pequiá de Cima com algumas empresas em destaque.(10/02/2007)



Nessa “Rua do Amor” existem bares e casas que funcionam como local de diversão para moradores e freqüentadores do bairro. Em conversas informais com algumas mulheres que trabalham nesses bares obtive informações sobre a relação dessa rua com a atividade de carga/descarga de carvão vegetal para as usinas siderúrgicas.

Muita das vezes os caminhões ficam engarrafados esperando a sua vez de descarregar o carvão. Situações essas que duram até dias e nesses momentos de intervalo na espera e descarga os caminhoneiros para não ficarem ociosos visitam as casas noturnas a fim de expulsarem a sensação de solidão, reproduzindo nas interações de gênero com as mulheres que trabalham na casa noturna, situações satisfatórias provenientes de uma vida conjugal. Assim, as garotas de programa sobrevivem tendo indiretamente sua atividade econômica determinada pela logística temporal e espacial das siderúrgicas.

4.4 Pequiá de Baixo

A configuração espacial de moradias no Pequiá de Baixo (foto 4) emerge como extensão do distrito industrial lembrando a disposição espacial das fábricas do início da revolução industrial, cuja proximidade com as habitações operárias podia ser simbolizada no fato das sirenes das fábricas serem escutadas em todo o bairro.

Foto 4 – Pequiá de Baixo (13/02/2007)



No caso do Pequiá de Baixo além dessas sirenes os moradores tem de conviver também com as explosões regulares dos altos fornos e com os rejeitos industriais lançados no ar (fumaça e cinzas).

Esses subprodutos do processo de fabricação do ferro gusa espalham-se pela comunidade através de uma lama e poeira escura que pode ser vista nas paredes dos casebres. Isto produz no período chuvoso práticas sociais que possuem a função de evitar a entrada de lama com detritos de gusa no interior das casas, pois como não há escoamento de água, os moradores desenvolveram algumas técnicas para drenar a água.

O Pequiá de Baixo sofre os efeitos nocivos das siderúrgicas com mais intensidade. Esta parte do bairro está geograficamente mais próxima das siderúrgicas à esquerda da divisa de cor branca (Figura 3). O barulho derivado da atividade industrial faz com que qualquer morador tenha dificuldade em descansar a noite. Muitos deles me contaram sobre esse e outros problemas (poeira, fumaça, poluição do córrego) relacionados com as atividades das empresas siderúrgicas.

A comunidade de Pequiá de Baixo localiza-se numa zona de transição entre as vias de escoamento (rodovia e ferrovia) e a indústria do ferro gusa. Verifiquei que esta comunidade percebe-se como uma região que demarca uma fronteira entre o que passa na rodovia e o que se produz na indústria.

É interessante verificar como diferentes modos de organização social e econômica se integram em um paradoxo sócio-espacial: de um lado a rodovia e a ferrovia escoando a produção, a fábrica de gusa e do outro a comunidade de Pequiá de baixo com seus casebres e precárias condições de saneamento.

Na parte oposta da avenida existem casas de madeira pequenas que sofrem o efeito direto das siderúrgicas com os pátios respectivamente da Gusa Nordeste e da Pindaré-Simasa. Em entrevista com o senhor Melqui Pereira, ex-diretor geral, revelou-me a importância das siderúrgicas para com o mesmo, *“Eu não consigo viver sem essa poluição”*.

Quando mais me dispunha a caminhar pelas ruas e avenidas do Pequiá, mais me defrontava com a importância das siderúrgicas para o cotidiano do bairro. A escória, a caixa de água²⁴ e as prestadoras de serviço que indiretamente estão

²⁴ O sistema de abastecimento de água foi implantado com o apoio das empresas siderúrgicas.

ligadas a geração de empregos pelas firmas delineiam a centralidade industrial no ambiente do Pequiá.

O Pequiá é um bairro próximo às indústrias, tendo sido classificado por Cancela (1992) em pesquisa realizada no início dos anos 1990 como um *lugar das firmas*. Quinze anos depois percebi discurso semelhante na fala dos operários que o classificam como uma *“ilha cercada de siderúrgicas por todos os lados”*.

A imagem do Pequiá como ilha não está relacionada somente a presença marcante das siderúrgicas, ela pode ser vista também como uma crítica do distanciamento espacial e social do restante da cidade de Açailândia. Distanciamento espacial, pois, de fato, há uma grande distância entre o Pequiá e o centro de Açailândia, que dista cerca de quatorze quilômetros; mas, principalmente distância social, sentimento que os moradores possuem de estarem excluídos dos benefícios que uma boa infra-estrutura de serviços urbanos possibilita.

Uma das queixas que mais presenciei foi à referente aos deslocamentos cotidianos que os moradores devem fazer para poderem pagar seus impostos: contas de água luz, ou obter algum serviço da prefeitura tem que se deslocar para o centro da cidade. *“Vamos para Açailândia pagar nossas contas”*, comentavam alguns moradores em conversas formais e informais.

Esse deslocamento é necessário, pois o bairro não possui um posto de atendimento bancário, uma casa lotérica, muito menos um posto de correio. Portanto, pagar as contas torna-se uma tarefa dispendiosa em termos de tempo e muito mais cara, visto que, além do dinheiro do tributo ainda tem de gastar com os gastos com transporte. Se uma conta tem que ser paga no valor de cinco reais, se transformara em dez porque o transporte de ida e volta sai a cinco reais.

4.5 De camponês a operário

Embora possa ter havido casos de operários que passaram diretamente da condição de camponês para a de trabalhadores da indústria siderúrgica, a forma mais freqüente de transposição do campo para o universo fabril foi mediada pela experiência do trabalho em serrarias e empresas madeireiras, visto que este tipo de

atividade econômica desenvolveu-se de maneira importante no período de transição entre a atividade agropecuária e siderurgia no município de Açailândia.

Essa trajetória econômica do município repercute na trajetória social dos operários, que se inserem na atividade siderúrgica ressignificando os elementos de sua experiência enquanto camponeses.

A maior parcela dos trabalhadores recrutados pelas empresas era oriunda de locais sem tradição do trabalho fabril. O processo de aprendizado do trabalho metalúrgico deu-se no interior das usinas, através de um aprendizado *on the job* e pela via de redes de relações sociais. Esse último aspecto evidencia a influência direta que o bairro sofre das siderúrgicas, fato que pode ser descrito em uma espécie de simbiose entre o espaço social da comunidade e o espaço industrial, ambos interpenetram-se.

Portanto, podemos dizer que será essa experiência anterior que servirá de parâmetro para as classificações que os operários farão ao adentrarem na nova atividade, no trabalho metalúrgico. Um bom exemplo de como esse processo ocorre está na utilização da expressão “orelha seca”, que, oriunda da experiência camponesa adquirirá um novo significado no interior do universo fabril.

Segundo comentário dos entrevistados a noção de “orelha seca”, quando relacionada com o trabalho no campo, refere-se aquela pessoa que fazia qualquer tipo de atividade do trabalho agrícola, o “peão”, um trabalhador pouco especializado. Adaptada para o contexto fabril o “orelha seca” passa a ser o “faz-tudo”, como mostra a entrevista a seguir.

“Pesquisador - o que é o orelha seca?”

“Entrevistado – o cara que faz tudo que é serviço dentro da firma. Sabe como é quem trabalha na roça faz de tudo. De plantar, capinar, vender. faz tudo. Tem que ser homem pra ser “orelha seca”. O trabalho é coisa de macho, porque quem vem do mato gosta de trabalhar, o trabalho é duro. Os mais novos que não passaram pela roça nem sabe o que é isso. Para eles é apenas mais um tipo de trabalho forçado” (EFIGÊNIO, operário da Viena).

Entretanto, vale ressaltar que essa interpretação é encontrada somente nos operários mais velhos. No caso dos trabalhadores mais novos, principalmente os que entraram na atividade metalúrgica há pouco tempo e que possuem uma idade biológica entre 18 e 22 anos, a noção de “orelha seca” aparece apenas como uma forma de classificação interna a firma. Como esses operários não passaram

pela experiência do trabalho agrícola eles desvencilham essa categoria do seu passado camponês. Ela passa a ser vista como forma de trabalho forçado e estado de adaptação do trabalhador a fábrica.

“Nós quem somos mais novos no trabalho e que não sei nem como é trabalho em roça entendemos orelha seca como serviço geral. O limpa tudo aqui. Esse aí trabalha que nem um condenado” (JOÃO, Operário da Gusa Nordeste, encostado)

Diferente do que apresentava as primeiras impressões acerca da problemática, esta categoria não interliga diretamente o operário ao campo. Ela é insuficiente para caracterizar o trabalhador como um operário-camponês. A categoria foi re-construída dentro da firma, deslocada do seu espaço de construção e ressignificada dentro do campo industrial. Por mais que sua significação social primordial seja do trabalho pesado, ligando-a a lógica do campo, ela por si só não pode ser uma categoria eminentemente camponesa. A sua transformação no decorrer do processo de industrialização e de inculcação dos valores industriais aos atores, faz com que essa categoria se transforme em uma categoria propriamente industrial. Por sua vez, houve o deslocamento, conseqüentemente a descentralização do espaço de significações camponesas para o campo de significação industrial.

A noção de experiência funciona como reforço, ou seja, um elemento de afirmação dos traços definidores da posição desses trabalhadores dentro do espaço de relações sociais. Posição de autoridade, por exemplo, que apenas ratifica o elemento definidor da ruptura em relação à contraposição operário x camponês, principalmente quando observarmos os operários mais novos que não associam a noção de “orelha seca” ao campo e sim a noção de trabalho pouco qualificado.

4.6 Os operários no bairro do Pequiá

Para os operários, o bairro do Pequiá é um espaço de articulação, de troca de experiências, que situa essas pessoas numa relação para além do trabalho. O estabelecimento de relações interpessoais com amigos, familiares e vizinhos,

parte dos quais oriundos do mesmo local de origem, é a base para a construção das relações de proximidade entre os trabalhadores metalúrgicos fora das usinas.

No caso dos trabalhadores mais jovens pude verificar uma forma singular de construção dessa sociabilidade fora do espaço fabril no âmbito das denominadas “repúblicas”. Uma “república” é uma moradia partilhada por operários metalúrgicos, geralmente de uma mesma faixa etária. Mora numa república tem um significado econômico claro, pois, permite a esses trabalhadores a redução das despesas com habitação e gastos diários de consumo.

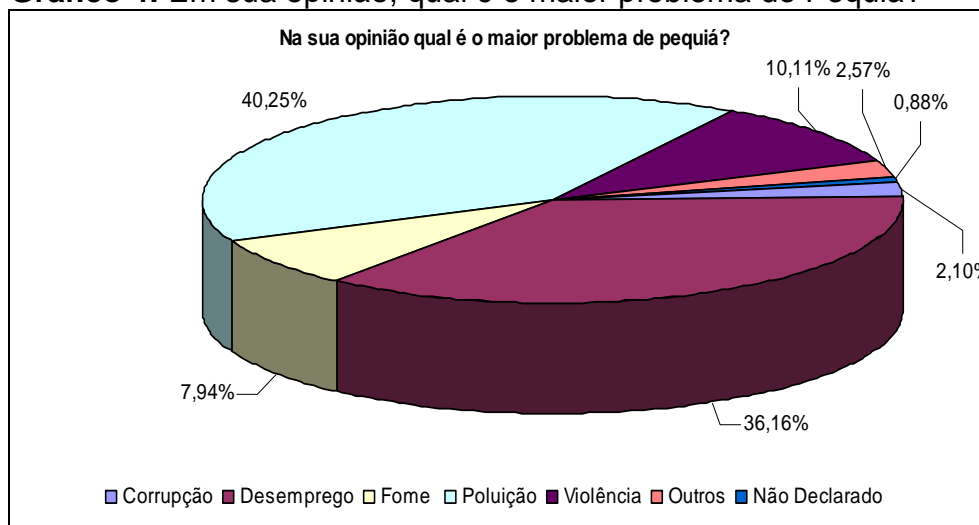
Como local de moradia o Pequiá é também um espaço de mobilização desses trabalhadores por melhores condições de vida, de reivindicação de equipamentos urbanos coletivos e de obras de infra-estrutura. Nesse sentido foi comum ouvir críticas quanto à ausência do poder público municipal:

“A firma deu ambulância, deu uma caixa d’água, dá cesta básica, colocou a escória aqui, dá emprego. O que mais a prefeitura fez?”
(CELSO, funcionário da Viena).

Segundo esse entrevistado a maior parte dos benefícios feitos no bairro são obra das firmas (siderúrgicas), que, além do fornecimento da escória para o recapeamento das vias públicas, também participaram da construção de uma caixa d’água²⁵ e da doação de uma ambulância para a prefeitura.

Mas, mesmo essa ação das siderúrgicas é vista como limitada, não modificando a visão que os moradores possuem do Pequiá como um bairro marcado pela precariedade. O levantamento realizado pelo Instituto Ekos apresenta algumas informações interessantes sobre a imagem que moradores e operários possuem do Pequiá, como mostra o gráfico 4 que apresenta as respostas mais indicadas para a pergunta sobre os principais problemas do bairro.

²⁵ Vale registrar que os operários entrevistados afirmam que apesar de construída a caixa de água não funcionou mesmo um ano depois.

Gráfico 4: Em sua opinião, qual é o maior problema do Pequiá?

De acordo com esse levantamento a poluição com 40,25% de indicações é o principal problema do bairro, vindo em seguida o desemprego (36,16%), a violência (10,11%) e a fome (7,94%).

É interessante observar que os dois problemas mais citados, a poluição e o desemprego possuem relação direta com a atividade siderúrgica, posto que, como já destacamos nas seções anteriores, a atividade de fabricação do ferro gusa produz efeitos negativos no que concerne a diversos tipos de poluição (fumaça, barulho, contaminação dos recursos hídricos) enquanto o desemprego pode ser visto como o resultado da não concretização do discurso estatal sobre os benefícios que adviriam com a implantação do distrito industrial de Açailândia (CARNEIRO, 1992, 1995).

Essa questão desemprego apareceu também com frequência na fala dos nossos entrevistados. Seu Aparício, por exemplo, destacou o elevado número de desempregados no Pequiá e a alta taxa de rotatividade que caracteriza o trabalho siderúrgico: *“o povo fala emprego, mas o que tem de gente aqui desempregado. Se contentam em trabalhar um tempinho depois saem por redução e ficam nessa rotatividade até o fim da vida”*(APARÍCIO, funcionário da Viena Siderúrgica)

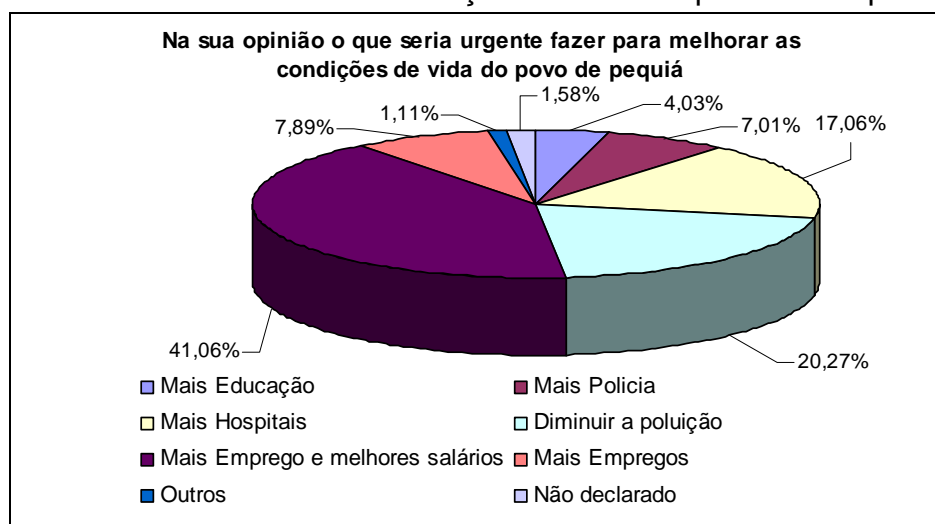
A alta rotatividade é vista como parte integrante do processo de trabalho na indústria siderúrgica local, designada pelo termo “tempo da redução” que se refere ao momento que as firmas fazem a dispensa de seus funcionários. Conforme constatamos todo trabalhador sabe que pode sair no tempo da redução, mas,

aqueles que estão desempregados sabem também que, nesse momento, podem ser chamados para as vagas que estão sendo abertas.

“Até para eu visitar um parente no interior, tenho que esperar o tempo de redução do quadro, senão eu posso perder meu emprego”
(Aparício, Operário da Viena, encarregado).

A visão apresentada no gráfico 4 completa-se com as respostas obtidas para a pergunta sobre quais as ações mais urgentes que deveriam ser feitas para melhorar a condição de vida no Pequiá (Gráfico 5).

Gráfico 5: Em sua opinião, o que seria urgente fazer para melhorar as condições de vida do povo do Pequiá?



Em consonância com os problemas apresentados a opinião dos moradores sobre as principais melhorias que deveriam ser realizadas no bairro, apontam, por ordem de importância, para os seguintes temas: geração de empregos e melhoria dos salários²⁶ (48,95%), diminuição da poluição (20,27%), construção de hospitais (17,06%), maior policiamento (7,01%) e melhoria do sistema educacional (4,03%).

A leitura desse conjunto de prioridades mostra que os moradores sentem dois tipos principais de carências: aquelas referidas à inserção mercado de trabalho e aquelas relacionadas com a deficiência da infra-estrutura de serviços públicos

²⁶ Para essa questão o levantamento obteve dois tipos de resposta: i) mais emprego e melhores salários (41,06%) e, ii) mais empregos (7,89%), que, juntas, perfazem o total de 48,95% das respostas.

(saúde, educação e segurança). Estas últimas estão relacionadas com a ausência do poder público no bairro (saúde, segurança e educação) enquanto a primeira com as limitações da atividade siderúrgica em propiciar o tão sonhado emprego. Além dessa questão essas empresas são também ligadas ao tema da poluição, que, como no gráfico 4 aparece fortemente nas respostas indicadas no gráfico 5.

Para enfrentarem essa situação marcada por dificuldades os metalúrgicos inserem-se nas redes de sociabilidade que estruturam a vida no Pequiá. Pelo que conseguimos observar, duas instituições são centrais na estruturação da vida desses operários fora do seu local de trabalho: a família e as igrejas.

A família ocupa o papel estruturante na vida dos operários. A imagem que construímos da organização familiar no Pequiá é aquela de uma família alicerçada na divisão de funções entre o pai e a mãe. O pai cuja função primordial é ser o responsável pelo sustento da família, enquanto a mãe desempenha seu papel mais importante na organização interna do lar e controle dos filhos.

Essa organização de papéis é vista da mesma maneira tanto nos operários entrevistados do Pequiá de Cima quanto os operários entrevistados no Pequiá de Baixo. O mercado de trabalho para as mulheres é mais restrito visto que os maridos não permitem que as suas esposas exerçam a função de domésticas porque para os operários esta função é subtendida como uma posição de inferioridade. Como nos disse seu Celso:

“As mulheres devem ficar em casa cuidando dos filhos não trabalhando na casa dos outros. Já pensou minha mulher trabalhar na casa de um amigo que ganha o mesmo que eu. Não posso permitir. É humilhante”. (CELSO, funcionário da Viena).

Logo em seguida ao papel social da esposa, aparecem os filhos. Os filhos dos operários na faixa de idade entre 18 a 21 começam a ser inseridos pelos pais no trabalho do chão de fábrica. Os jovens buscam reproduzir de forma mais eufórica as mesmas situações vividas pelo pai no momento de folga. Embora, o jovem nesse espaço tenha uma tendência maior à diversão, não deixa de ter preocupação com o trabalho nas firmas, porque eu ouvia muito deles: *“nossa senhora que droga, amanhã tem serviço”*.

A igreja, ou melhor, as igrejas são junto com a família outra instituição fundamental para a organização da vida social no Pequiá. Observei que a maior parte dos operários entrevistados divide-se entre católicos e protestantes.

Apesar da extensa gama de solidariedade entre os operários, escutei bastante sobre as diferenças entre os operários católicos e os protestantes. Em relação aos operários protestantes, muitos em seu tempo de folga prestam serviço às suas congregações. Escutava bastante de muitos entrevistados as seguintes afirmações: *“Deus, trabalho e família”*.

Já os operários católicos dificilmente vão a alguma cerimônia, mas dão muita importância ao fato de que as mulheres levem os filhos às missas, porque para eles a igreja (e a religião) tem a importante função de internalizar a estrutura moral que ajuda a formar a identidade e o *modus vivendi* do indivíduo.

Apesar de não aparecer como um problema importante para os moradores do Pequiá, tampouco ser mencionado espontaneamente nas conversas que realizamos, procurei perceber o que os metalúrgicos do Pequiá faziam nas suas horas livres quando não estavam na presença de sua família ou em atividades religiosas, ou seja, procurei identificar a existência de atividades daquilo que designamos com lazer.

A primeira constatação que fiz é que ao contrário do ocorre geralmente o lazer desses trabalhadores não se confunde com o final de semana, posto que o tempo livre é o tempo da folga e a folga pode ocorrer tanto no sábado quanto no domingo ou em qualquer dia de semana, como nos disse um trabalhador: *“pois vai depender do dia que cair a folga”*, (Celso, funcionário da Viena).

Dentre os locais freqüentados por esses trabalhadores identifiquei o chamado “banho do quarenta” (ver desenho número 11 na Figura 3), com sua entrada localizada nas mediações do Pequiá de Baixo e a denominada “Ilha do Coco Verde” (Foto 5), um bar localizado no Pequiá de Baixo. Contudo, vale dizer que são poucos os operários que visitam regularmente esses dois locais, o que está relacionado com o pouco tempo disponível pós-jornada de trabalho e os compromissos derivados da opção religiosa dos operários protestantes.

Foto 5 – Balneário Ilha do Côco Verde (15/02/2007)



5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Açailândia pode ser considerado como um município que espelha de forma exemplar as principais transformações que ocorreram na Amazônia Oriental nas últimas quatro décadas. Surgida de um canteiro de obras durante a construção da BR-010 essa cidade assistirá, num período extremamente curto, o desenvolvimento de diversos fluxos camponeses, o estabelecimento da grande propriedade agropecuária e a chegada da indústria madeireira.

Durante todo esse período o bairro do Pequiá será conhecido como um povoado camponês, no qual coexistiam atividades agrícolas, pecuárias e da exploração madeireira.

Contudo, na segunda metade da década de 1980 esse cenário mudará radicalmente com a construção da Estrada de Ferro Carajás, a criação do Distrito Industrial de Açailândia e a implantação das primeiras usinas siderúrgicas (Viena Siderúrgica e Cia. Vale do Pindaré).

A chegada da atividade siderúrgica na região implicou no aparecimento de novos postos de trabalho, relacionados com o trabalho direto e indireto na atividade siderúrgica, dos quais o trabalho metalúrgico foi um dos mais importantes.

O estabelecimento da atividade siderúrgica no Distrito Industrial do Pequiá ocasionou o deslocamento importante de pessoas para esse local, que, como assinalaram vários autores (CANCELA, 1992; CARNEIRO, 1995) passou de povoado camponês a bairro industrial.

A esse deslocamento espacial correspondeu também um deslocamento ocupacional, pois, os primeiros trabalhadores da indústria siderúrgica foram, em sua grande maioria, ex-camponeses oriundos de outras regiões do estado do Maranhão.

Essa rápida passagem da condição de camponês para a de trabalhador metalúrgico implicou em várias mudanças na vida dos trabalhadores do bairro do Pequiá. Uma delas, talvez a mais importante, refere-se ao que Thompson (2008, p. 269) chamou de mudança no “senso de tempo”, que dá origem a “novas disciplinas, novos estímulos e uma nova natureza humana”, derivados da substituição de um modo de vida estruturado pela autonomia da produção camponesa pela padronização e controle do trabalho que são característicos da atividade assalariada na grande indústria.

Vale ressaltar que além de nova essa gestão do trabalho industrial será realizada em um contexto de forte assimetria entre trabalhadores e empregadores, posto que, implantada numa região de fronteira agrícola, a indústria siderúrgica contará com um volumoso exército industrial de reserva, o que lhe permitirá uma “exploração intensiva da força de trabalho” (CASTRO; 1995: 93)

Um aspecto importante de nossa análise foi tentar compreender como esses trabalhadores conseguiram se manter em um sistema no qual a exploração intensiva da força de trabalho é o principal fator de manutenção desse mesmo sistema. Vimos (cf. capítulo 3) que para fazer frente a essa exploração e aos métodos autoritários de gestão do trabalho a alternativa que se colocou para esses metalúrgicos foi a da mobilização e organização, através do desenvolvimento de movimentos grevistas e da organização do seu sindicato, o Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos de Açailândia e Imperatriz (STIMAI).

A descrição dessas primeiras mobilizações nos indicou que a fundação do STIMAI e as mobilizações iniciais por melhorias nas condições de trabalho constituem um marco na constituição dos metalúrgicos do Pequiá enquanto grupo social. É a partir dessas lutas e da constituição do sindicato enquanto instituição de representação de seus interesses que eles passam a se representar enquanto grupo, com interesses próprios face ao patronato siderúrgico e aos demais segmentos sociais do município de Açailândia e do estado do Maranhão.

Se no plano da fábrica a identidade do grupo foi se forjando nas lutas contra a superexploração do trabalho outro pólo importante da constituição dessa identidade será o lugar da moradia, o bairro do Pequiá.

Será no espaço do bairro, nos contatos com amigos, vizinhos e familiares que a experiência camponesa será re-elaborada, tornando-se um elemento importante para a sustentação da identidade do grupo, alicerçando seus mecanismos reguladores e fornecendo parâmetros para inserção na nova atividade produtiva.

Mas, esses trabalhadores se identificam não só pelo passado comum, como também pela representação que possuem do desejo de uma vida melhor, do que significa viver bem nas novas condições.

As empresas, através da inculcação dos mecanismos disciplinares, procuram operacionalizar essas representações nas formas de controle e

gerenciamento. Por sua vez, os laços identitários reforçam a coesão interna, dando autonomia para o grupo estruturar as suas estratégias de reprodução dos laços de solidariedade, transformando a organização desses trabalhadores em uma organização autônoma com fronteiras específicas e determinadas.

Os laços de solidariedade só puderam se transformar em laços sociais bem definidos devido às estratégias utilizadas para estabelecimento dentro do bairro. As estratégias de inserção manutenção dentro do mercado de trabalho foram de fundamental importância para a formação social do grupo operário.

Nessa linha de argumento, a pesquisa induziu para as seguintes conclusões:

a) os laços de solidariedade foram reforçados ao longo do processo de inclusão desses trabalhadores no espaço do Pequiá foram decisivos para sua manutenção na atual estrutura social do distrito industrial;

b) a noção de experiência funcionou como elemento de diferenciação que organizou e organiza a posição que cada operário no interior da firma;

Através do olhar sobre a heterogeneidade minha pesquisa buscou os elementos constituintes do grupo operário dentro do bairro Pequiá, consequência de um empreendimento regional específico, observada nas práticas cotidianas dos moradores, visto que "(...) é tão relevante olhar para as estratégias de vida atualizada nos bairros urbanos e nos lares, quanto para o processo de trabalho em si mesmo" (SAVAGE, 2004, p.14).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, L. A. **Manual de siderurgia**. São Paulo: Editora Arte & Ciência, 1997.
- BACHELARD, G. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder simbólico**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2002.
- _____. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas, Papirus, 1996.
- CANCELA, Cristina Donza. Estação Piquiá: Um novo quilômetro na fronteira Amazônica. **Desenvolvimento & Cidadania**, São Luis, ano 2, nº6, dez/jan.,1992.
- CÂNDIDO, Antônio. **Os Parceiros do Rio Bonito**. 7ª ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1987.
- CARNEIRO, Marcelo Domingos Sampaio. Do latifúndio agropecuário à empresa latifundiária carvoeira. In: Coelho, M.C.N.; Cota, R.G. (Org.) **10 anos da Estrada de Ferro Carajás**. Belém: UFPA/NAEA, 1997.
- _____. Relações de trabalho, propriedade da terra e poluição urbana nas atividades de carvoejamento para a produção de ferro gusa em Açailândia. In: CONCEIÇÃO, F. G. (org) **Carajás: desenvolvimento ou destruição?** Relatórios de Pesquisa. São Luís. Comissão Pastoral da Terra, 1995.
- _____. O Programa Grande Carajás e a dinâmica política na área de influência da ferrovia: políticas públicas e poder local na Amazônia. n: CASTRO, E; MOURA, E. MAIA, M.L. (orgs) **Industrialização e grandes projetos: desorganização e reorganização do espaço**. Belém: UFPA/NAEA, 1995.
- _____. Estado e empreendimentos guseiros no programa grande Carajás: as políticas públicas a serviço da industrialização. In: CASTRO, Edna M. R. (org). **Amazônias em tempo de transição**. Belém: UFPA/NAEA. 1989.
- CASTRO, Edna. Industrialização, Transformações Sociais e Mercado de Trabalho. In: CASTRO, E; MOURA, E. MAIA, M.L. (orgs) **Industrialização e grandes projetos: desorganização e reorganização do espaço**. Belém: Editora da UFPA, 1995, p. 91-120.
- CAMARGO, Beatriz. **Pará exige dados prévios sobre carvão para autorizar gusa**, 2007. Disponível em: <http://www.reporterbrasil.com.br/pacto/noticias/view/13>. Acesso em: 12 jun. 2007
- CORCUFF, Philippe (2001) **As novas sociologias: construções da realidade social**. Bauru: EDUSC, 2002.
- DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. São Paulo: Rocco, 1997.

- DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano 1: a arte de fazer**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2005.
- DURKHEIM, Emile. **A divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- EVANS-PRITCHARD, E.E. **Os Nuer**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2002.
- GRANOVETTER, Mark. *The Strength of Weak Ties*. **American Journal of Sociology**, vol. 78, n. 6, p. 1360-1380, 1973.
- HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas nas ciências sociais**, Petrópolis, Editora Vozes, 2005.
- HALL, Stuart. Identidade. Cultura e diáspora. **Revista do patrimônio histórico e artístico nacional**, nº 24. Brasília, 1996.
- HOBBSBAWM, Eric J. **Mundos do trabalho**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- INSTITUTO EKOS. **Repensando e reconstruindo o Pequiá**: levantamento sócio-econômico do Pequiá, Relatório de Pesquisa do instituto Ekos, 2006
- LOPES, José Sérgio Leite. Introdução: formas de proletarização, história e cultura operária, In: _____ (org). **Cultura e identidade operária. Aspectos da cultura da classe trabalhadora**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1985, pp. 11 – 32.
- _____. **O vapor do diabo**: o trabalho dos operários do açúcar. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2ª edição. 1978.
- MARTINS, José de Souza. **A imigração e a crise do Brasil agrário**, São Paulo: Editora Pioneira, 1973.
- _____. Migrações temporárias: problema para quem? **Revista Travessia**, São Paulo, n.1, mai-ago, 1988
- MARX, Karl. **A ideologia Alemã**. Editora Hucitec. São Paulo, 2000.
- MERLIÉ, Dominique. A construção Estatística. In: CHAMPAGNE, P.; LENOIR, R.; MERLIÉ, D.; PINTO, L. **Iniciação às práticas sociológicas**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998
- MILIBAND, R. **O Estado na sociedade capitalista**. Rio de Janeiro : Zahar, 1979.
- MONTEIRO, M. A. **Siderurgia e carvoejamento na Amazônia**: drenagem energético material e pauperização regional. Belém: NAEA/UFPA, 1998.
- MOURA, Flavia. **Relatório Preliminar da Pesquisa: “Dez anos do CDVDH, situação sócio-econômica de moradores e infra-estrutura dos bairros de Açailândia”**. São Luis: GERUR, 40 p, 2007.

- NEVES, João Luis. **Pesquisa qualitativa, uso e possibilidades**. 1996. Disponível em: <http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/C03-art06.pdf>. Acessado em 12 dez. 2007.
- PEIRANO, Mariza G.S. **A favor da etnografia**. 1987 Disponível em <http://www.unb.br/ics/dan/Serie130empdf.pdf>. Acessado em 12 jun. 2007.
- RAMALHO, José Ricardo Ramalho; SANTANA, Marco Aurélio. **Sociologia do Trabalho**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2004.
- SAVAGE, Mike. Classe e Cultura: Um Balanço Conceitual e Historiográfico. In: BATALHA, C. H.M (org). **Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado**. Campinas: Editora Unicamp, p.25-48, 2004.
- SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Editora da USP, 1998.
- _____. **O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante**. Travessia, v.13, n. esp, jan.2000.
- SEYFERTH, Giralda. Aspectos da Proletarização do Campesinato no Vale do Itajaí (SC): Os Colonos-Operários. In: LOPES, J. S. L. (org). **Cultura e identidade operária: aspectos da cultura da classe trabalhadora**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, p. 103-120, 1985.
- THOMPSON, E.P. **A formação da classe operária na Inglaterra**. Vol. 1, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2002.
- _____. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1981.
- _____. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.